

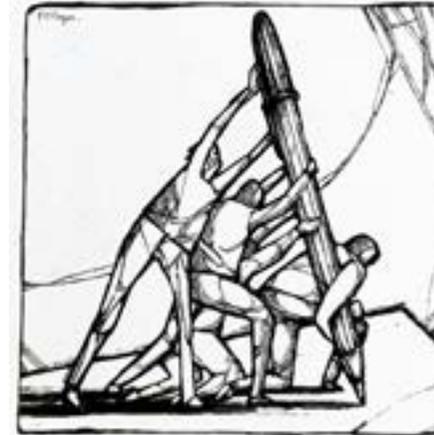
FERNANDO LOPES

50 ANOS DE DESENHO





apresenta



FERNANDO LOPES

50 ANOS DE DESENHO

CURADORIA: OTO REIFSCHEIDER | 16 DE OUTUBRO A 15 DE DEZEMBRO DE 2019
CAIXA CULTURAL BRASÍLIA - GALERIAS PICCOLA I E II



A CAIXA valoriza amplamente a cultura nacional como ferramenta de inclusão social e reforço do orgulho de ser brasileiro. Nos últimos cinco anos, os espaços culturais da CAIXA contaram com mais de R\$ 385 milhões distribuídos em Brasília, Curitiba, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

O investimento da CAIXA inclui iniciativas nos segmentos de artes plásticas, fotografia, espetáculos musicais, dança, teatro, exibição de filmes, lançamento de livros, palestras e oficinas por meio da seleção pública de projetos, realizada via Programa de Ocupação dos Espaços da CAIXA Cultural. Esse programa é um dos principais instrumentos da política de patrocínio cultural do banco. Com equipamentos e projeto educativo próprios, a CAIXA coloca em prática uma política de fomento à cultura, formação de plateia, apoio à diversidade cultural, profissionalização e democratização do acesso a bens culturais para aproximação com os mais diferentes públicos. Ao todo, são quase 40 anos de investimento contínuo em cultura.

Com esta mostra retrospectiva de 50 anos do artista Fernando Lopes, a CAIXA Cultural apresenta ao público brasileiro mais de 250 ilustrações que criam um panorama de sua obra e que inclui desenhos criados nas técnicas guache, nanquim, aquarela, aerógrafo e lápis de cor. A exposição, com curadoria de Oto Reifschneider, traz estudos, capas de livros e periódicos, desenhos anatômicos e selos comemorativos; além de ilustrações para bilhetes de loteria da CAIXA.

O artista carioca Fernando Lopes possui um traço de desenho inconfundível, com inspirações no surrealismo, expressionismo e cubismo. Suas ilustrações já figuraram nos principais jornais da cidade e fazem parte da memória visual e afetiva de Brasília. De maneira sintética, elas abordam temas prosaicos e questões complexas da sociedade, sempre de forma intrigante e sensivelmente artística.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



Em meio a esculturas, desenhos e gravuras, Fernando Lopes guarda seus trabalhos. Eles ocupam gavetas, pastas, armários, estão por toda parte e, ao mesmo tempo, não estão. Me explico: os desenhos foram acumulados, reunidos até mesmo com uma certa ordem, com um certo cuidado, mas sua sorte não é outra senão um arquivo da memória visual de seu artífice. São a prova incontestável de que Fernando trabalhou, e muito, ao longo das últimas décadas.

As obras que de fato ocupam as paredes de Fernando são outras, e ajudam a desenhar um mapa histórico-sentimental do artista: são trabalhos de mestres e amigos, obras presenteadas, trocadas, adquiridas. As presenças mais fortes são a de seu trisavô, o pintor Miguel Navarro y Cañizares, e de Safia, sábia-naïf de Pirenópolis, com suas curiosas esculturas de barro. Cañizares ocupa uma posição de privilégio, por ser o mais antigo elo de Fernando com seu métier, um lastro genético que firmaria a vocação do ilustrador para as artes – daquelas narrativas que construímos e que nos constroem.

A morada do artista, rica e singela, não se volta para dentro. Fernando tem à sua frente o Parque das Sucupiras, que ilumina seu estúdio com a beleza agreste do cerrado. A preservação desse ambiente se tornou, nos últimos 20 anos, uma constante em sua vida, sendo fundador e presidente da associação que salvaguarda o parque. O amor do artista pela natureza fica patente quando constatamos que alguns de seus mais belos desenhos, com força e leveza, são do corpo transmutado em vegetação.

Fernando teve a sorte de uma formação culturalmente rica, latino-americana, sem nunca perder os laços com a família

no Brasil. Ao longo de pelo menos quatro gerações, as artes e a cultura, pelo apreço ou atuação, foram se naturalizando no seio familiar, fazendo com que os incentivos que surgissem para o desenho fossem tomados com afinho e seriedade. Fernando, aliás, é dessas pessoas sérias, comprometidas, viscerais. O percurso de artista teve início aos 15 anos de idade: incentivado por Rolando Toro, montou uma exposição com 50 trabalhos, alguns dos quais estão aqui expostos.

Ao longo das décadas, Fernando Lopes desenvolveu ilustrações infantis, técnicas e científicas. Elaborou selos para os Correios, bilhetes de loteria para a Caixa, manuais de mobiliários para o Hospital Sarah, capas de livros, cartazes para encontros jurídicos e tudo mais quanto se possa imaginar. Sua produção é vasta, mas ele se tornou mesmo conhecido pelo trabalho de ilustrador nos jornais, em especial no Correio Braziliense. São desenhos fortes, que resumem e informam os assuntos abordados – a beleza do traço não se sobrepõe ao tema retratado.

Após 50 anos desenvolvendo suas habilidades de desenhista, dominando o ofício como poucos, Fernando se aposenta, sai do jornal, ao mesmo tempo em que se reinventa, tornando-se professor. Pela primeira vez desde tempos imemoriais não precisava mais desenhar, um hiato se cria em sua vida. Foi nesse momento que nos conhecemos, por insistência de dois amigos jornalistas – os dois trabalharam com ele e admiravam seu trabalho. Não precisou de muito para que eu me juntasse a eles, e hoje com sorte o tenho por amigo.

Para tratar da revisão e seleção de sua obra, de seu arquivo pessoal, foram muitos os encontros, copiosas as horas. Afinal, não são dezenas, sequer centenas, são literalmente

milhares de desenhos. Não bastasse o volume de obras, impressiona também a qualidade dos trabalhos – o processo de seleção se fez difícil e enriquecedor. É preciso notar que estamos expondo apenas os desenhos e esses são, muitas vezes, apenas uma primeira etapa – mesmo que a mais elaborada – de um trabalho que, antes de ser publicado, é editado/colorido/modificado em programas de computador.

Fernando gosta de dizer que algum dia ainda vira artista – um daqueles gracejos com toque de incerteza. Insegurança própria de tudo que é bom, que tem dedicação. Nessas horas, penso em algum cronista – quiçá Rubem Braga, ou Paulo Mendes Campos – dizendo que algum dia ainda vira escritor. O ilustrador de jornais é, no fundo, um cronista visual de seu tempo. Escolhemos os desenhos pela sua força individual, por sua curiosidade ou representatividade. Sendo a exposição o que é, em especial na parte dedicada aos jornais, convido o visitante à leitura dessas imagens, uma leitura curiosa, ao inverso: que pense nas temáticas tratadas, nas soluções dadas pelo ilustrador. É um convite à imaginação.

OTO DIAS BECKER REIFSCHEIDER





FORMAÇÃO



Miguel Navarro y Cañizares: retrato de Emilia Cañizares, sua filha, bisavó de Fernando Lopes. Final do século XIX.

Santiago de Chile, San José, Costa Rica, Rio de Janeiro, Brasil. Mas também Espanha e Pernambuco: uma formação múltipla, construída em diversos lugares, por afetos e histórias. A marca mais profunda foi a infância e a juventude no Chile, acompanhando meus pais. Depois, antes de voltar para o Brasil, uma rica vivência em Costa Rica e na América Central. Mas, nascido no Rio de Janeiro (1957), nunca perdi minha ligação com a cidade onde morei também por muitos anos.

Essa mistura de países e realidades está representada em meus primeiros cadernos de desenho. Ali se misturam Cordilheira dos Andes e macumbas, igrejas barrocas e Jovem Guarda, até surgir, no início da adolescência, uma imagem como Raul Seixas, apontando para uma visão crítica e engajada da arte e da cultura, junto a um ingênuo erotismo e a uma criatividade meio alucinatória.

A Espanha foi meu trisavô: Don Miguel Navarro y Cañizares, pintor. Nascido em Valencia e formado em Roma, migrou para a América e se estabeleceu no Brasil, fundando a Escola de Belas Artes da Bahia. Em minha casa suas pinturas estavam na parede: naturezas mortas, retratos e paisagens. Desenhos e livros ilustrados colorindo minha curiosidade infantil. A herança genética, mas também cultural, um universo que a criança apreende de modo ingênuo, silencioso.

E Pernambuco de meu pai, Valdecir, e meu tio Waldemar, poeta. Sua casa repleta de peças de Vitalino e outros artistas populares – hoje no Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro. E mais pinturas, livros e desenhos. Ali, desde pequeno, me encantavam os originais de Percy Lau, Cícero Dias, Santa Rosa e muitos outros, vivos para mim.

Mas foi mesmo determinante a adolescência chilena, no início dos anos 1970, trançada por política, misticismo, arte e natureza. O encontro com o psicólogo Rolando Toro, criador da Biodança, abrindo caminhos para uma explosão criativa e minha primeira exposição, aos 15 anos de idade. Hoje, é surpreendente para mim perceber nesses desenhos juvenis uma espécie de clarividência, de sabedoria. Havia ali uma espontaneidade quase inacreditável, algo livre, que dificilmente se repete ou recupera.

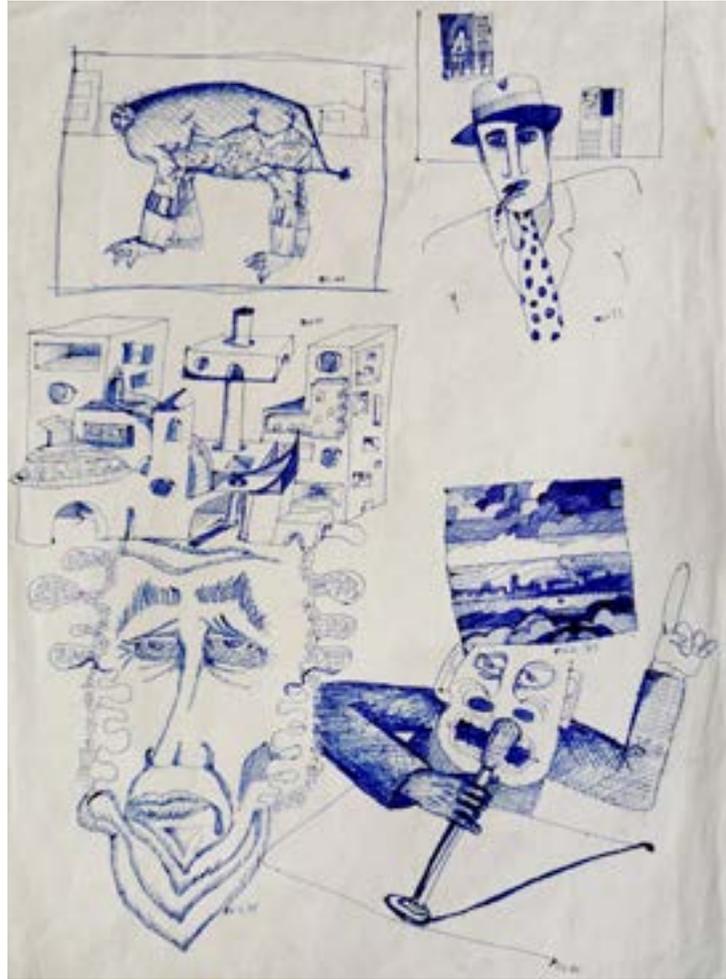
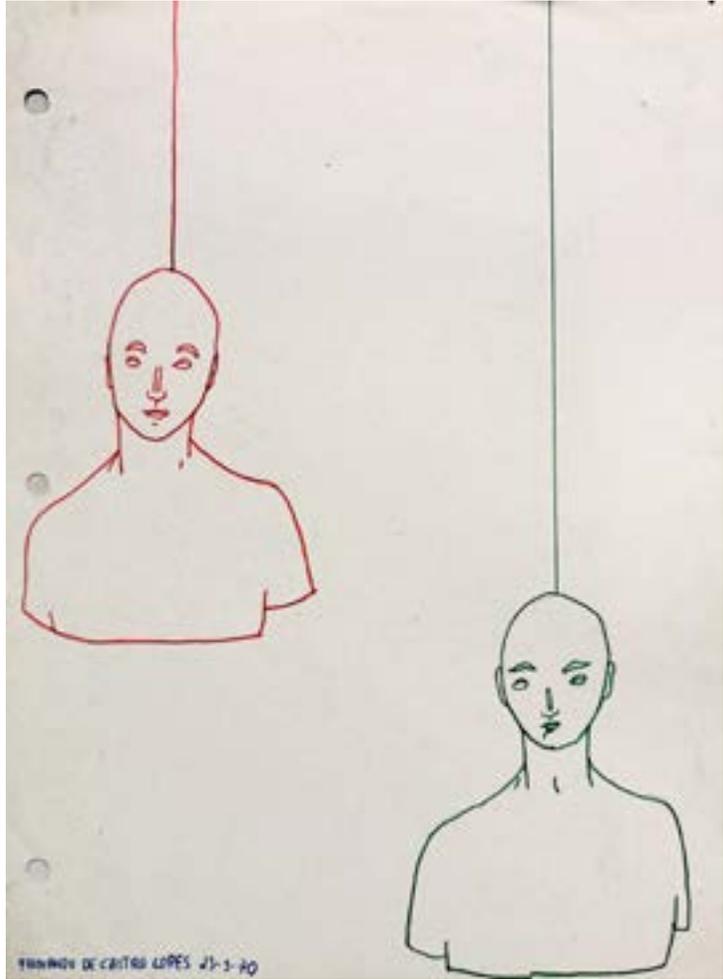
Ao voltar ao Brasil, morando no Rio de Janeiro, em São Paulo e finalmente em Brasília, construí minha vida de ilustrador. Trabalhei em diversas frentes, indo da ilustração médica aos selos postais, dos livros infantis às ilustrações para livros e revistas. Mas foi na imprensa diária, no Jornal de Brasília e no Correio Braziliense, que consegui desenvolver uma linguagem própria, que reflete inspirações no surrealismo, no expressionismo e no cubismo, encontrando o espaço ideal para um estilo pessoal direto, dramático, mas ao mesmo tempo poético.

Há poucos anos voltei a estudar. Finalizei bacharelado e licenciatura na Universidade de Brasília, em um rico período de desenvolvimento pessoal. Recém-formado, passei em um concurso público e me tornei professor de Artes no Colégio Militar de Brasília, exercendo a tarefa tão humana de ensinar e aprender. Voltar a desenhar é uma luz que se anuncia.

Viva la Vida!

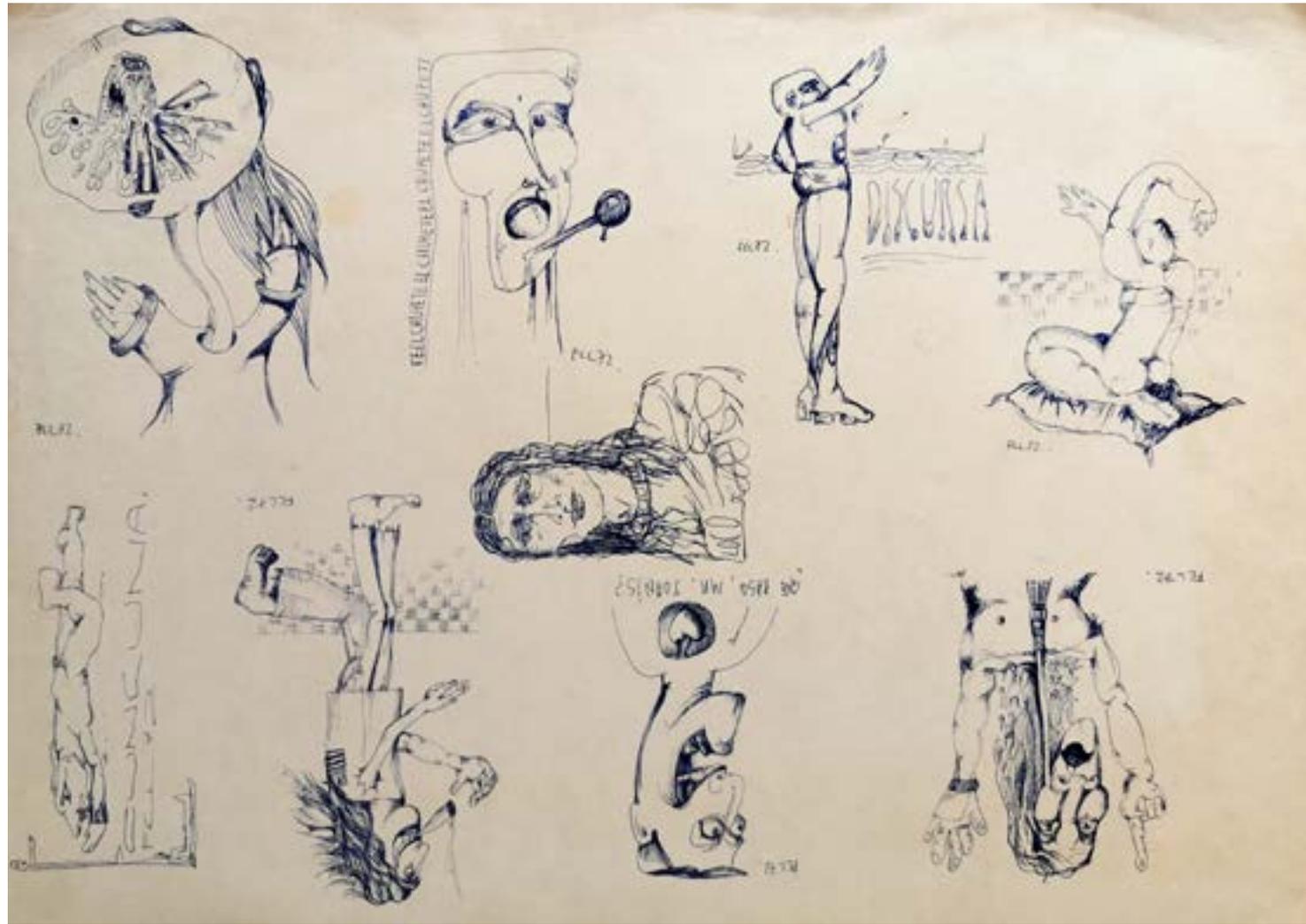
FERNANDO DE CASTRO LOPES





Santiago de Chile. 1970-74





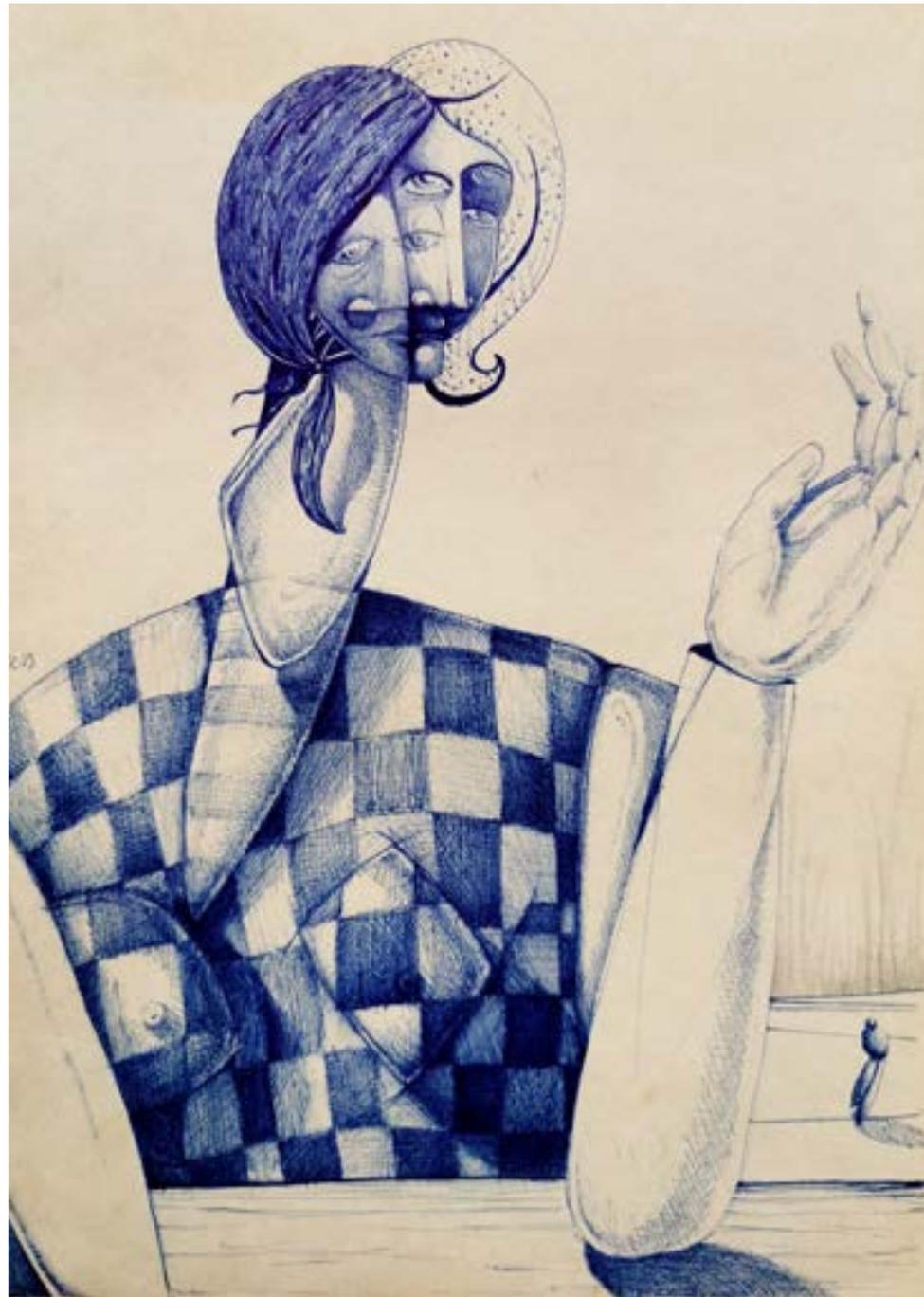
Santiago de Chile. 1970-74





Santiago de Chile. 1970-74



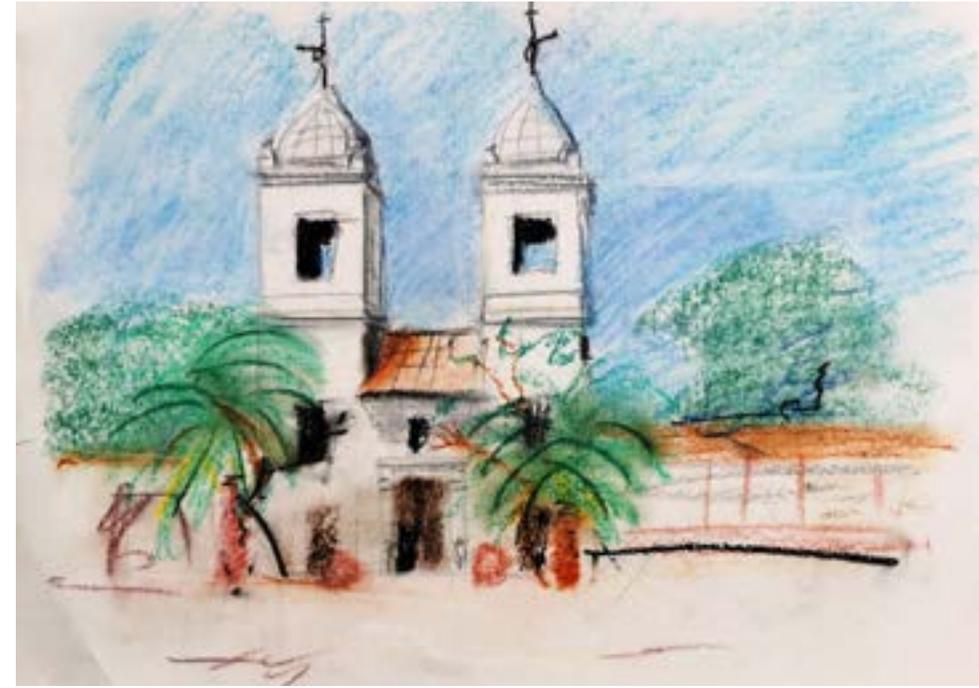


Santiago de Chile. 1970-74

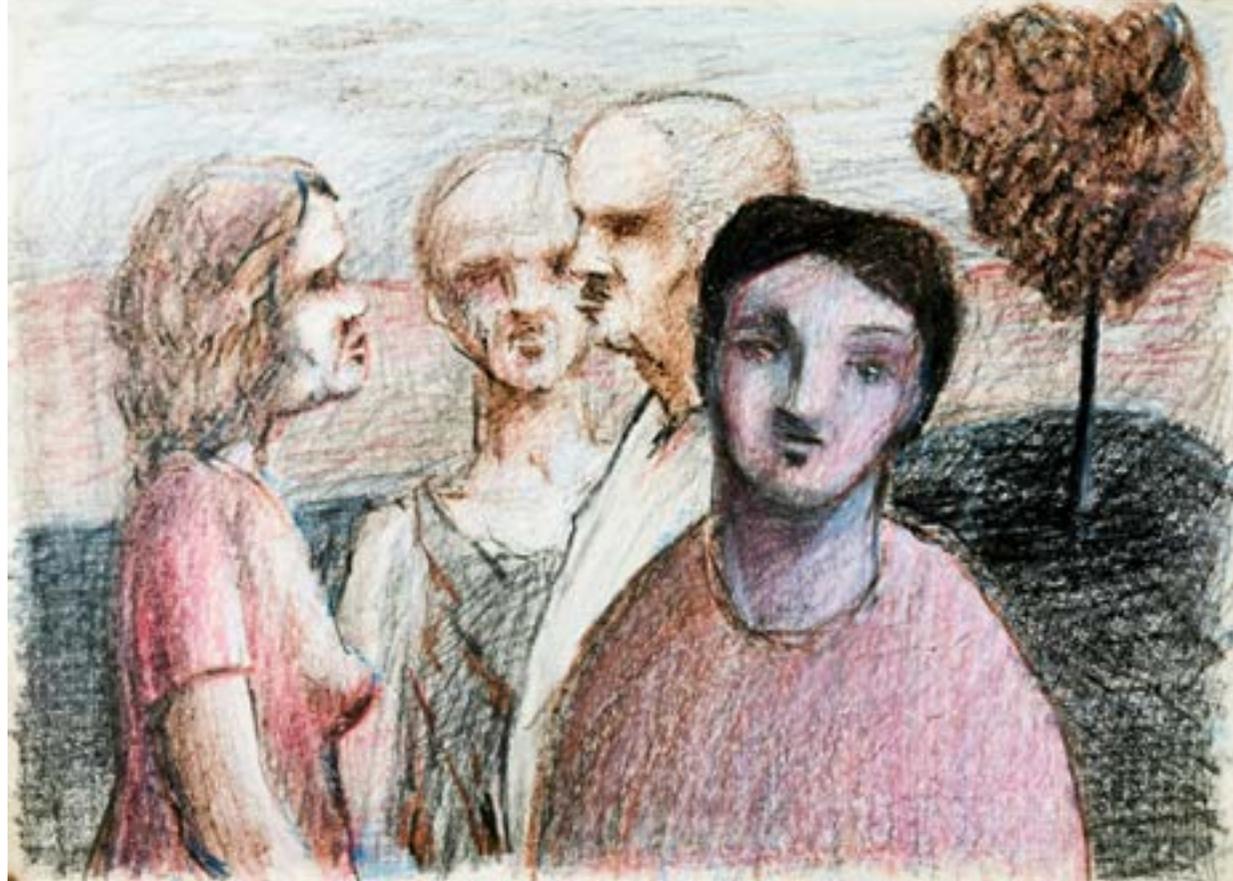




San José, Costa Rica, 1975



Santiago de Chile, 1977
Ubatuba, São Paulo, 1978



Rio de Janeiro, Parque Laje, EAV
Escola de Artes Visuais. 1976-79





Rio de Janeiro, Parque Laje, EAV
Escola de Artes Visuais. 1976-79



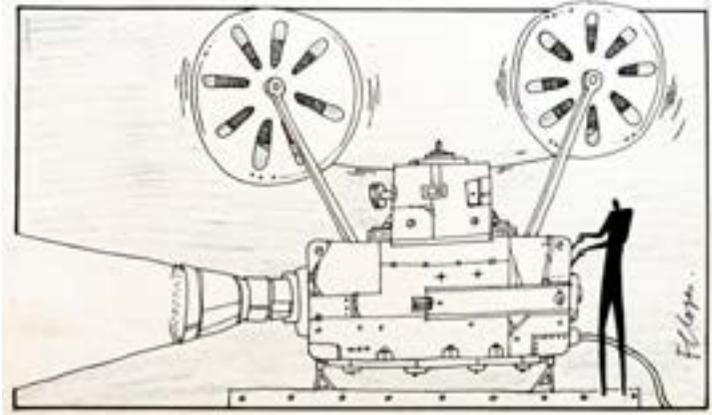
JORNAL DE BRASÍLIA



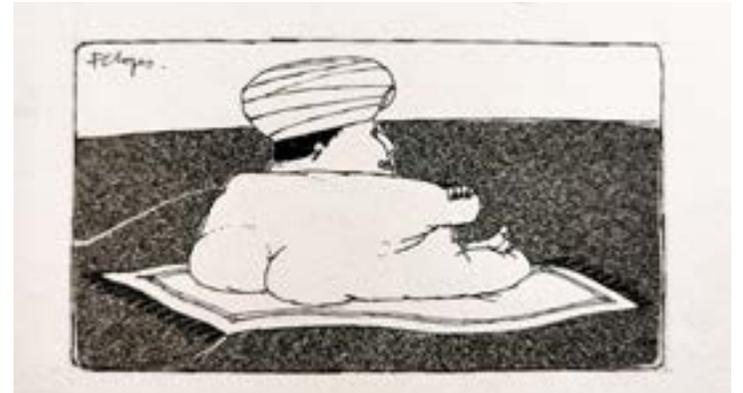
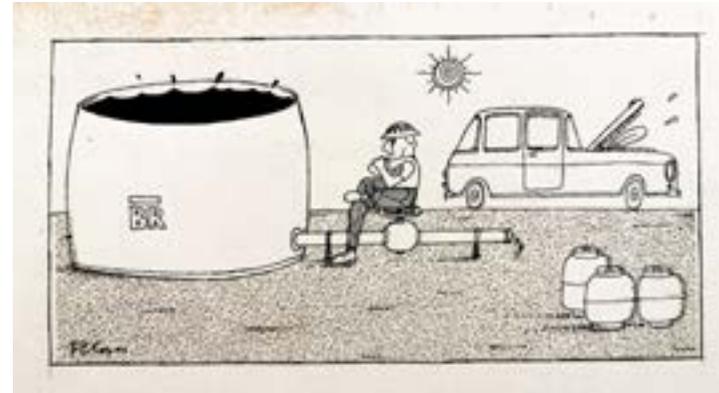
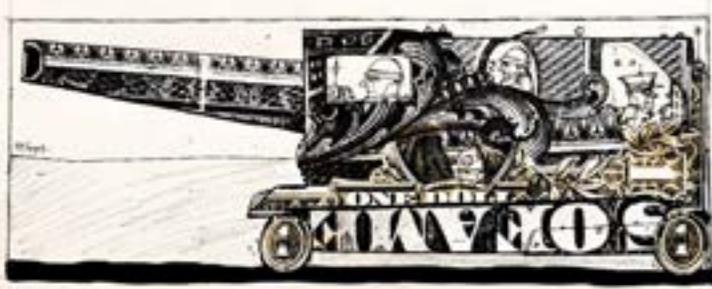
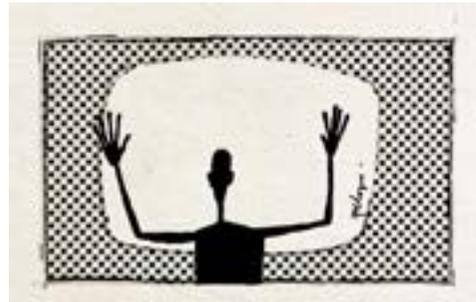
Não havia computadores no final dos anos 1980, quando comecei a trabalhar como ilustrador no Jornal de Brasília. Hoje é difícil imaginar como a edição diária conseguia ficar pronta, toda noite. Os desenhos eram, quase em sua totalidade, em preto e branco. Cor, somente nas capas ou em reportagens especiais. Usávamos retículas de corte da marca Letraset, que permitiam a aplicação, no próprio desenho, de meios tons e degradês, pequenos luxos gráficos. Também, frequentemente, indicávamos para o setor de impressão, com lápis azul (que não era detectado no fotolito), a aplicação de 20% de cinza. Eram esses, e somente esses, os recursos que tínhamos em mãos.

Muitas vezes, preferi fazer os desenhos em tamanho natural, ou seja, exatamente na mesma medida em que seriam impressos. Ao observar agora essas incríveis miniaturas, adivinho os motivos que me levavam a desenhar em tão pequeno formato: o resultado, com figuras muito detalhadas e minuciosas, somente poderia ser alcançado pela aproximação exagerada, uma espécie de obsessão visual, semelhante a um mergulho. O tamanho minúsculo induz a entrar no desenho buscando a leitura da imagem. E é disso que se trata quando se ilustra um jornal: achar o sentido e compreender.

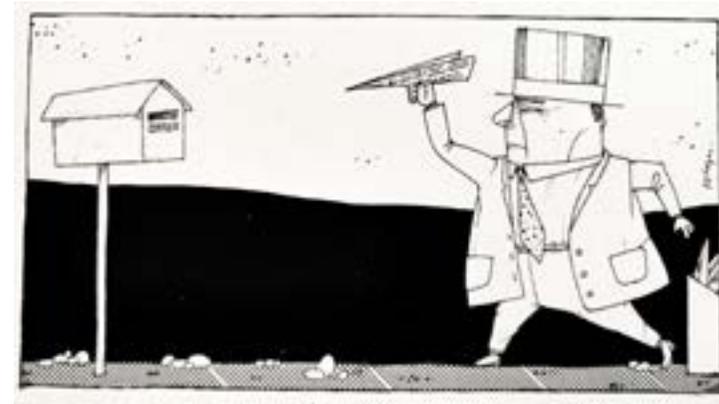
FERNANDO LOPES

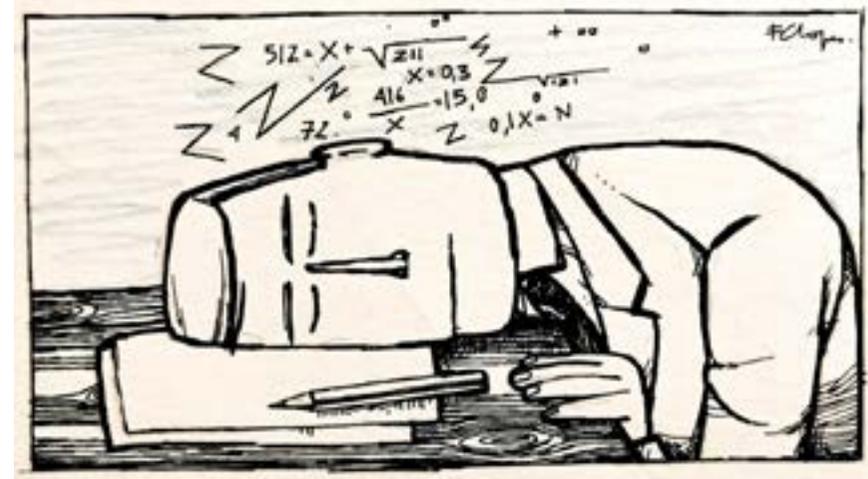


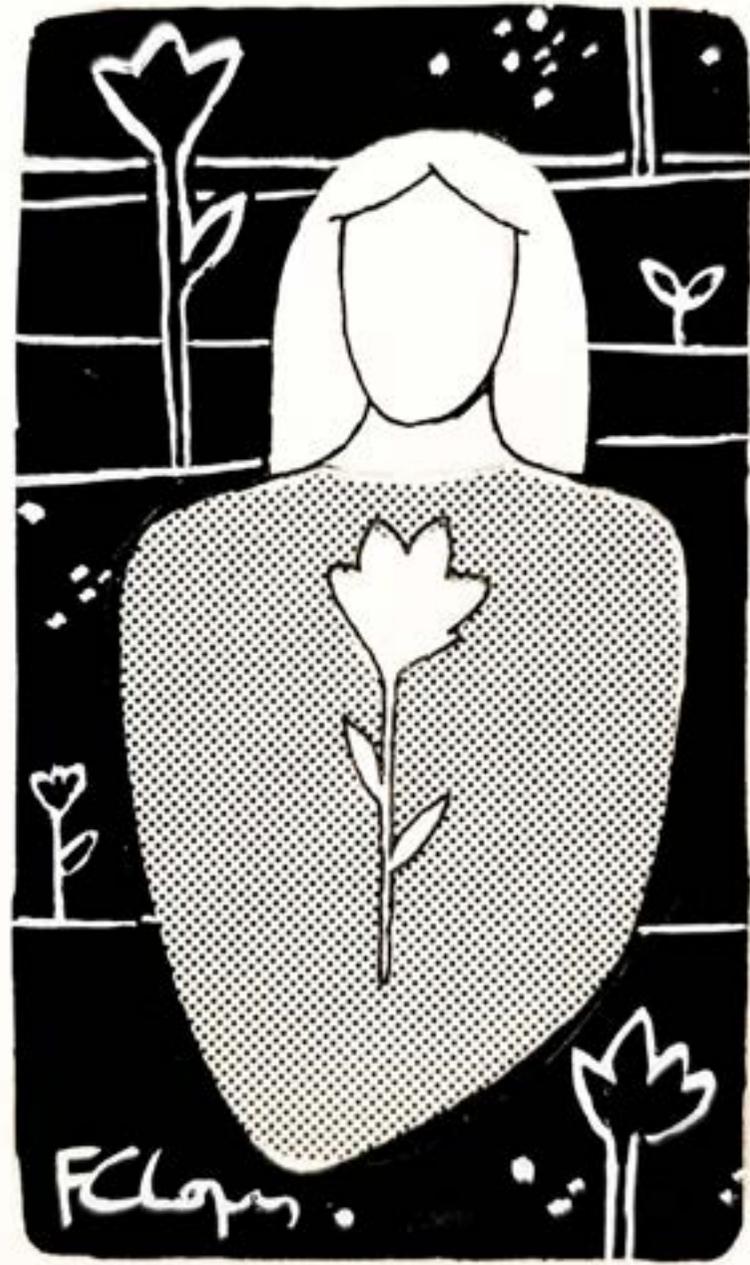
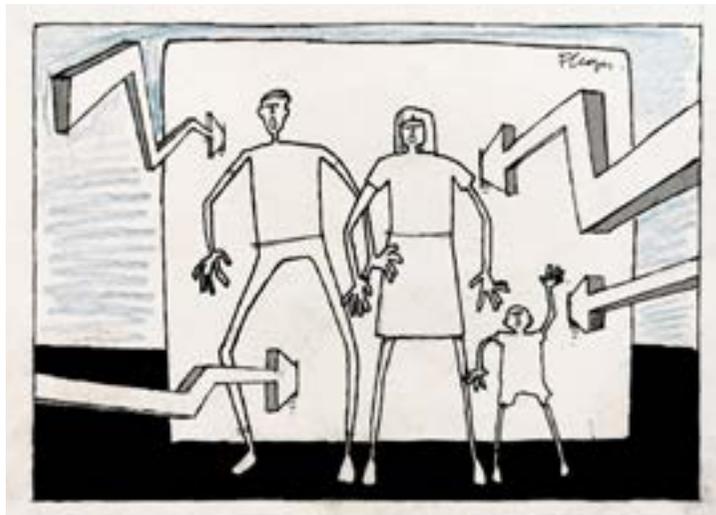
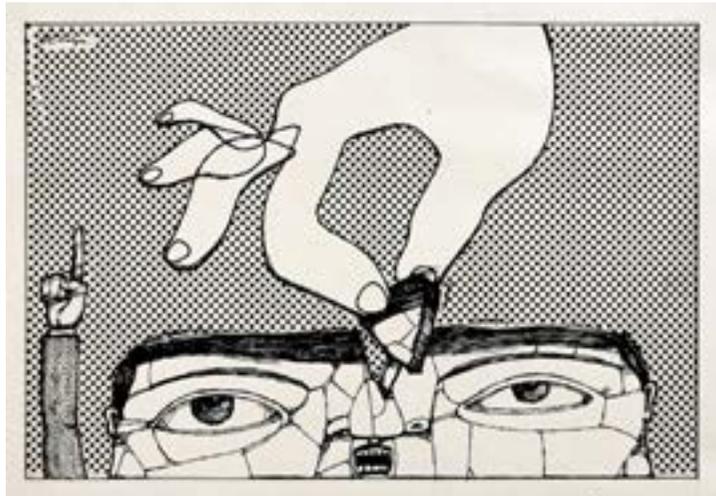
28

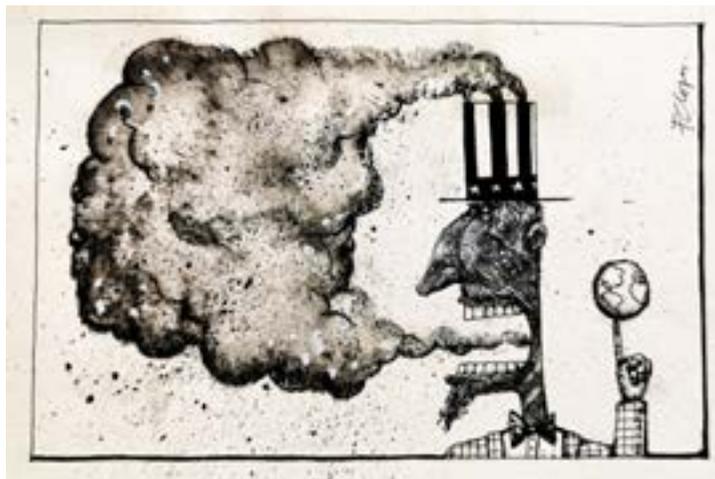


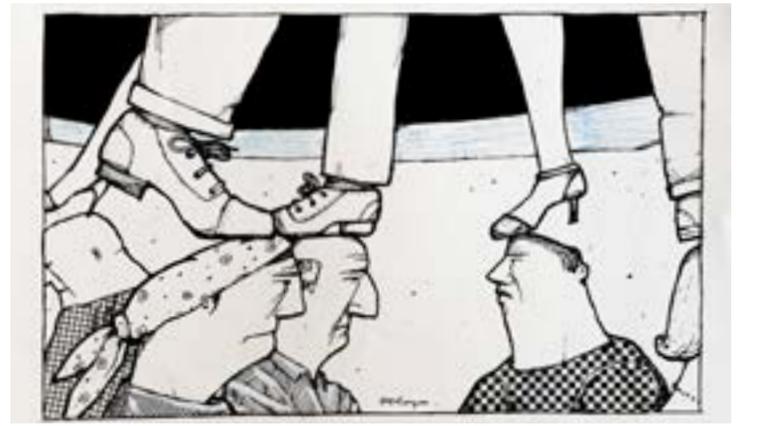
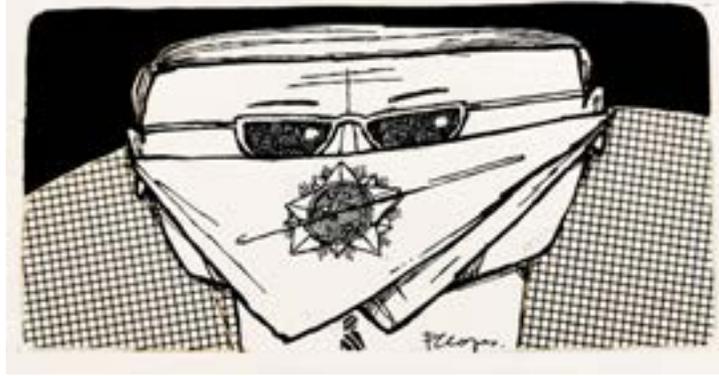
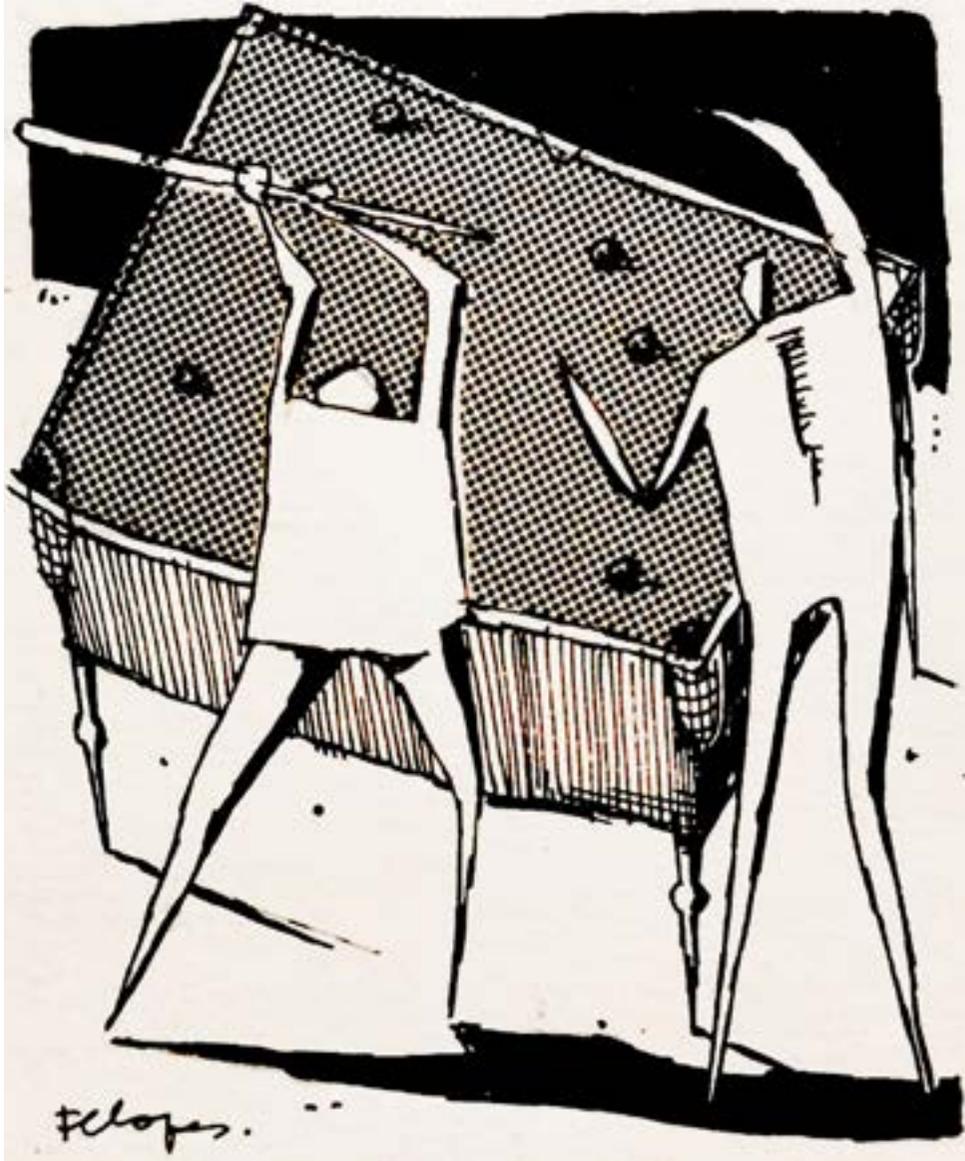
29





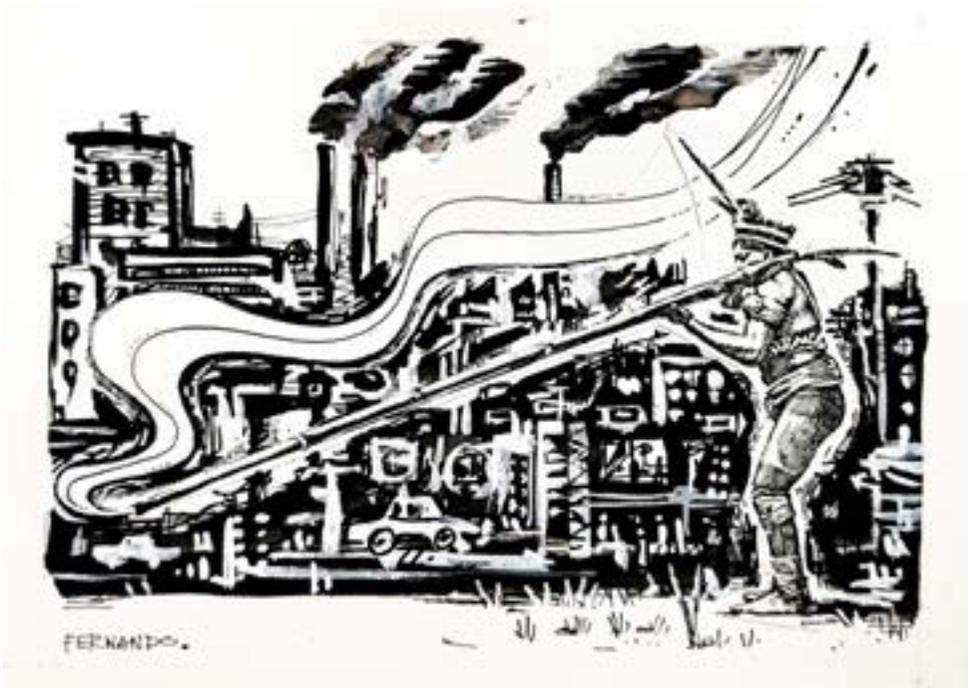
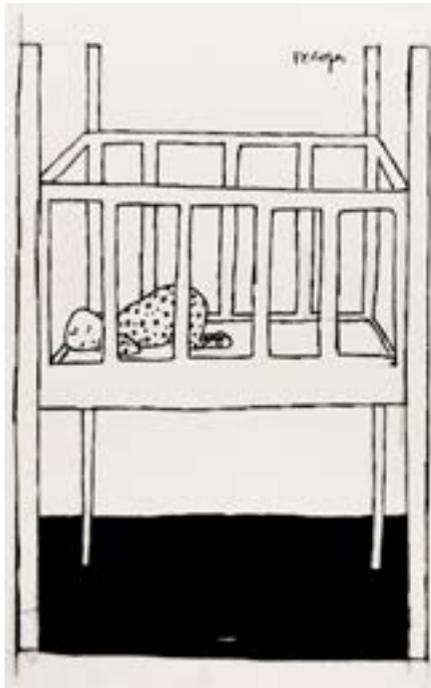




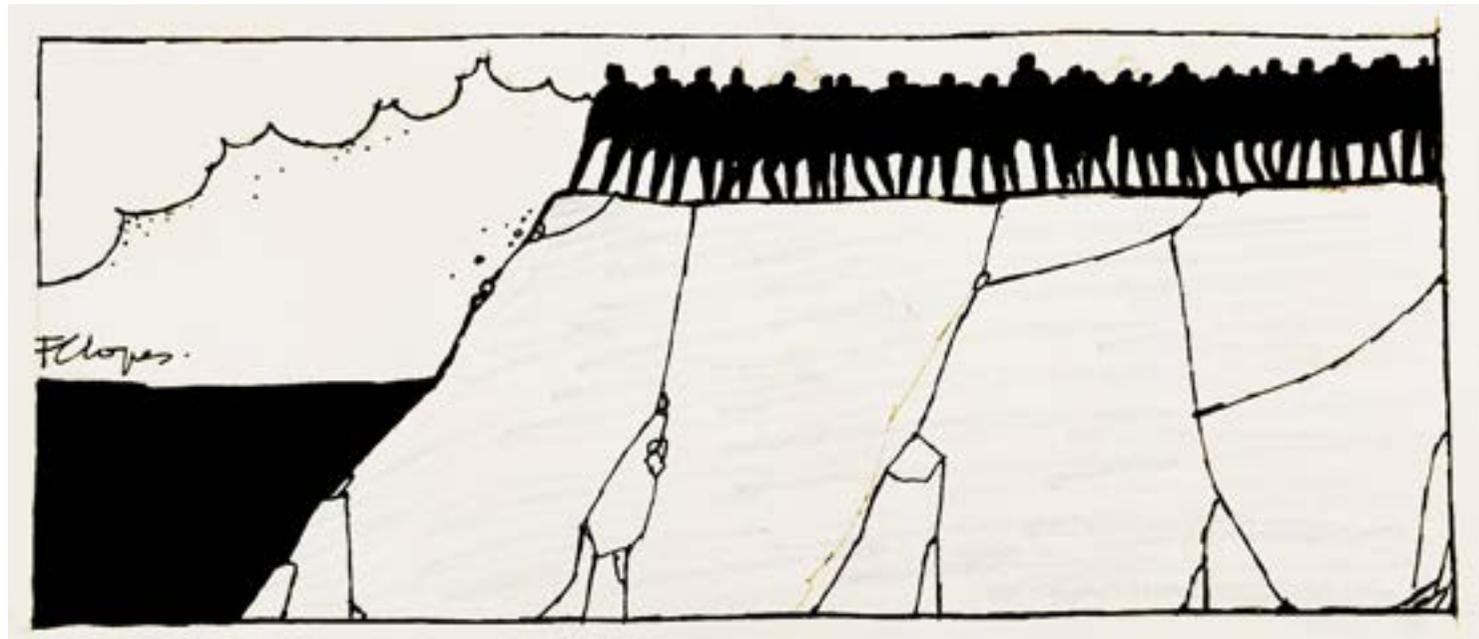


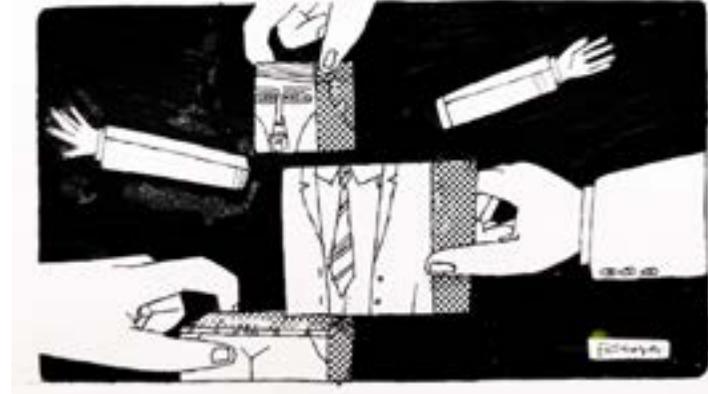


38

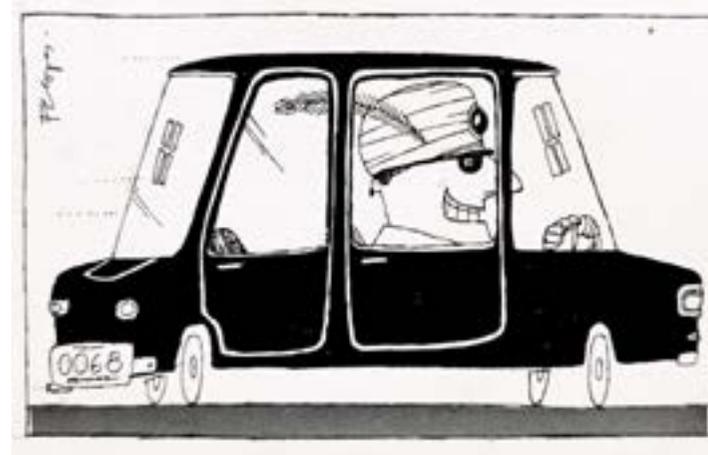
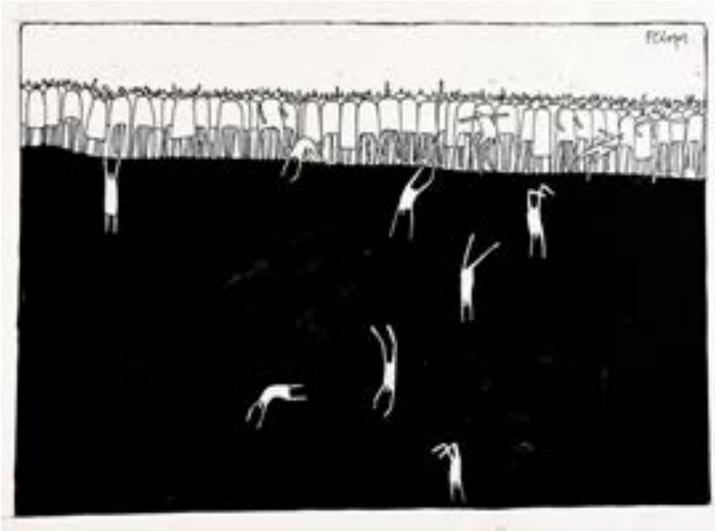


39

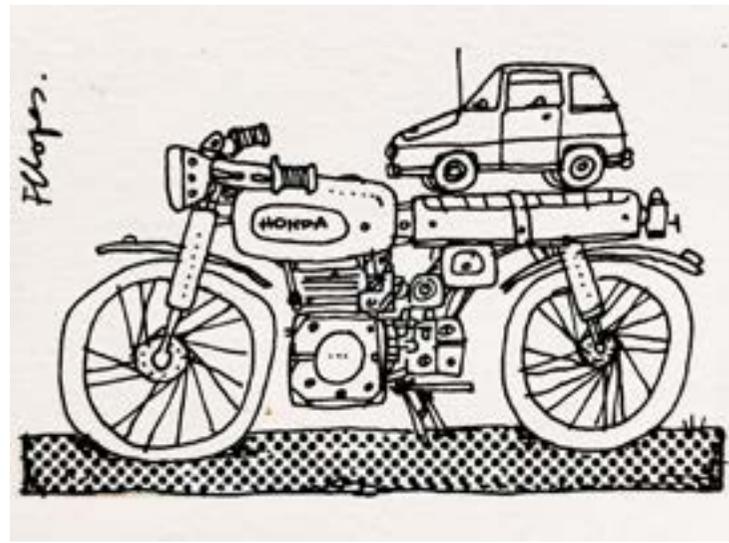


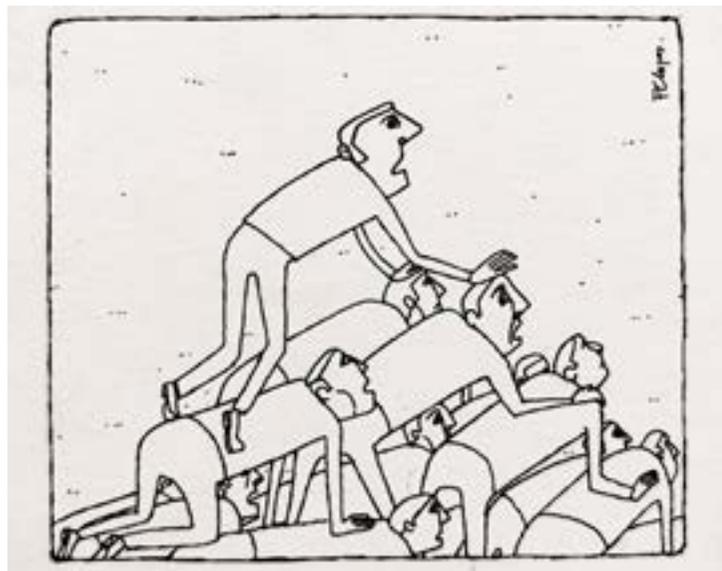
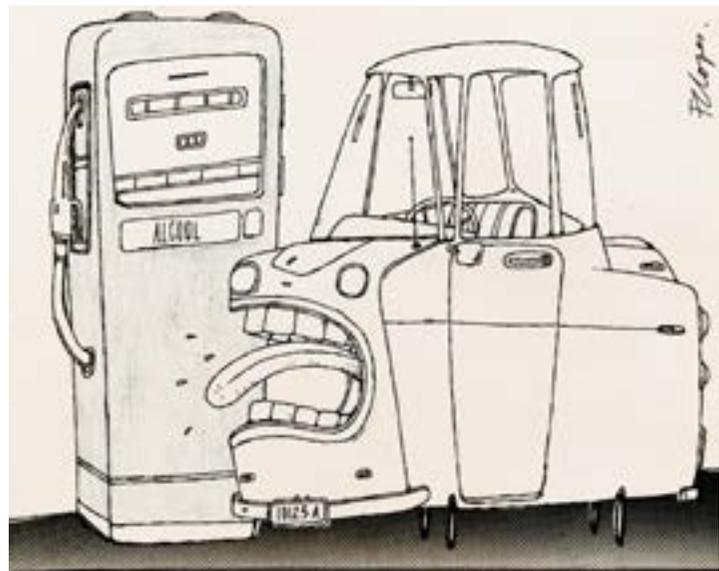


40

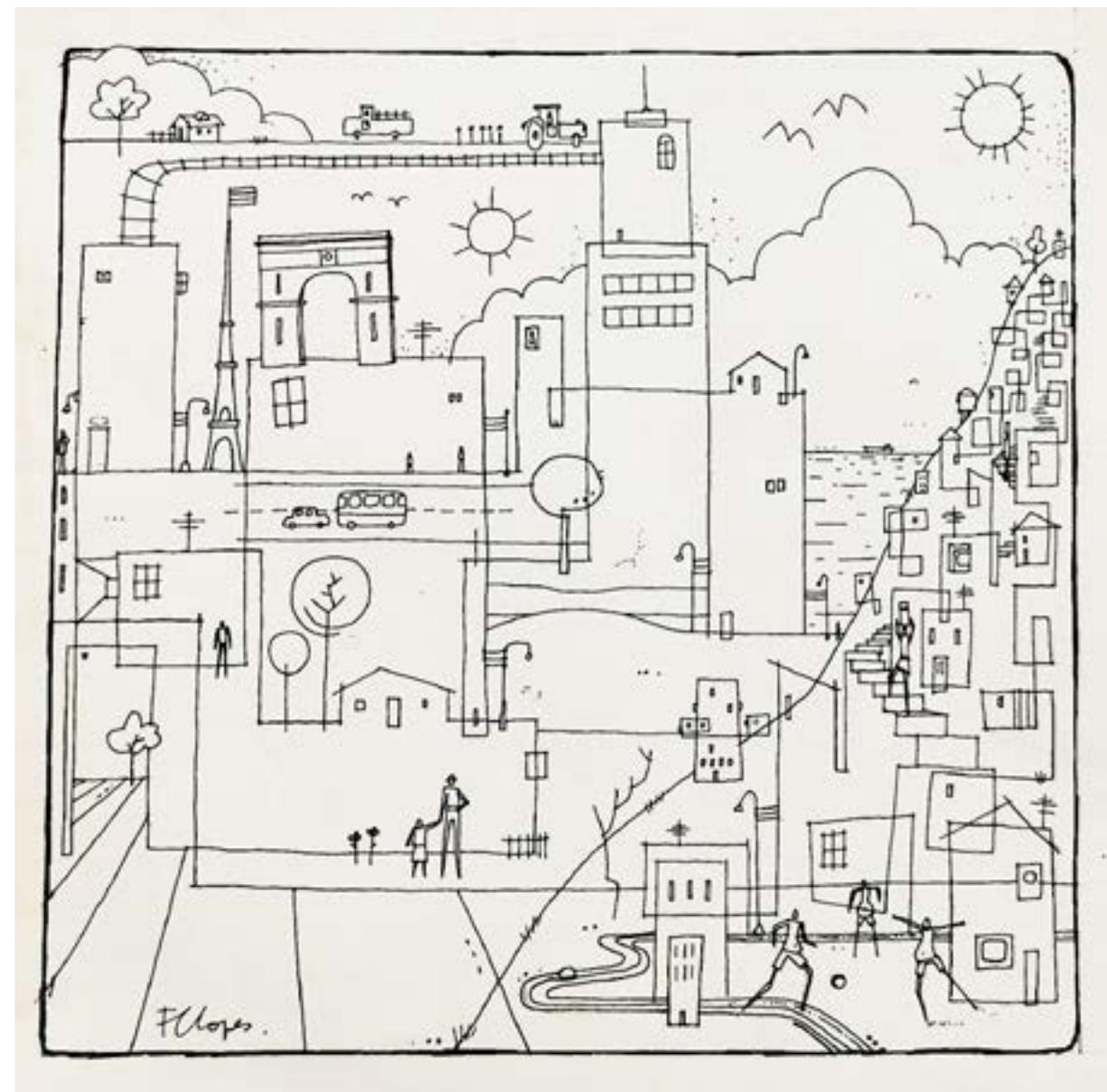


41

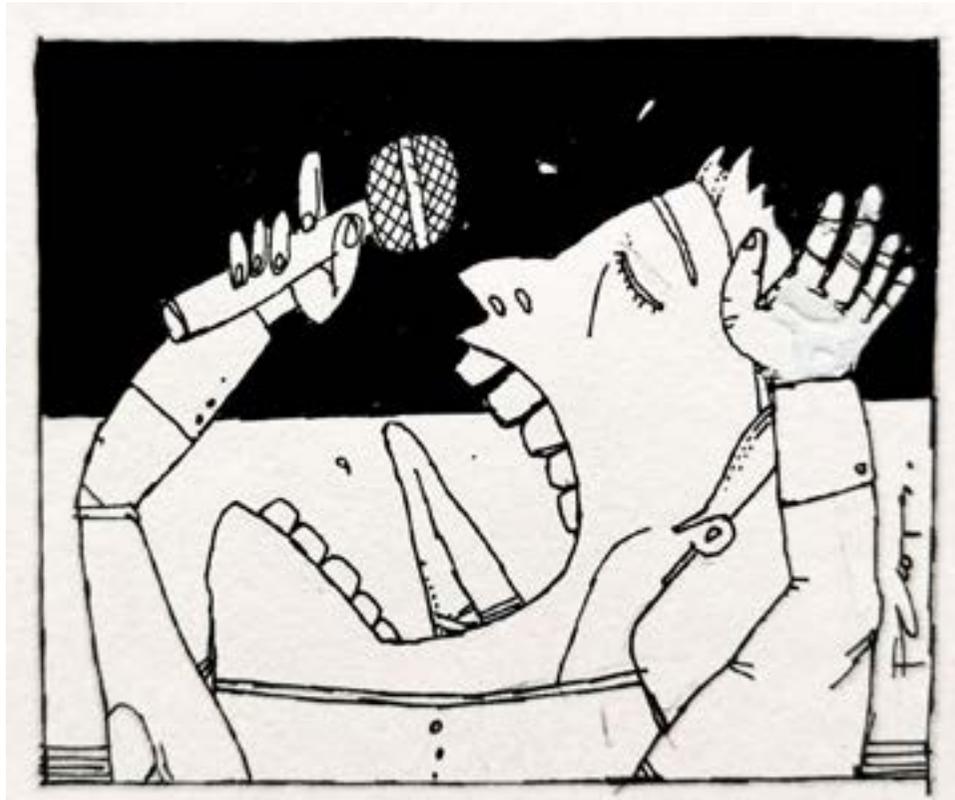
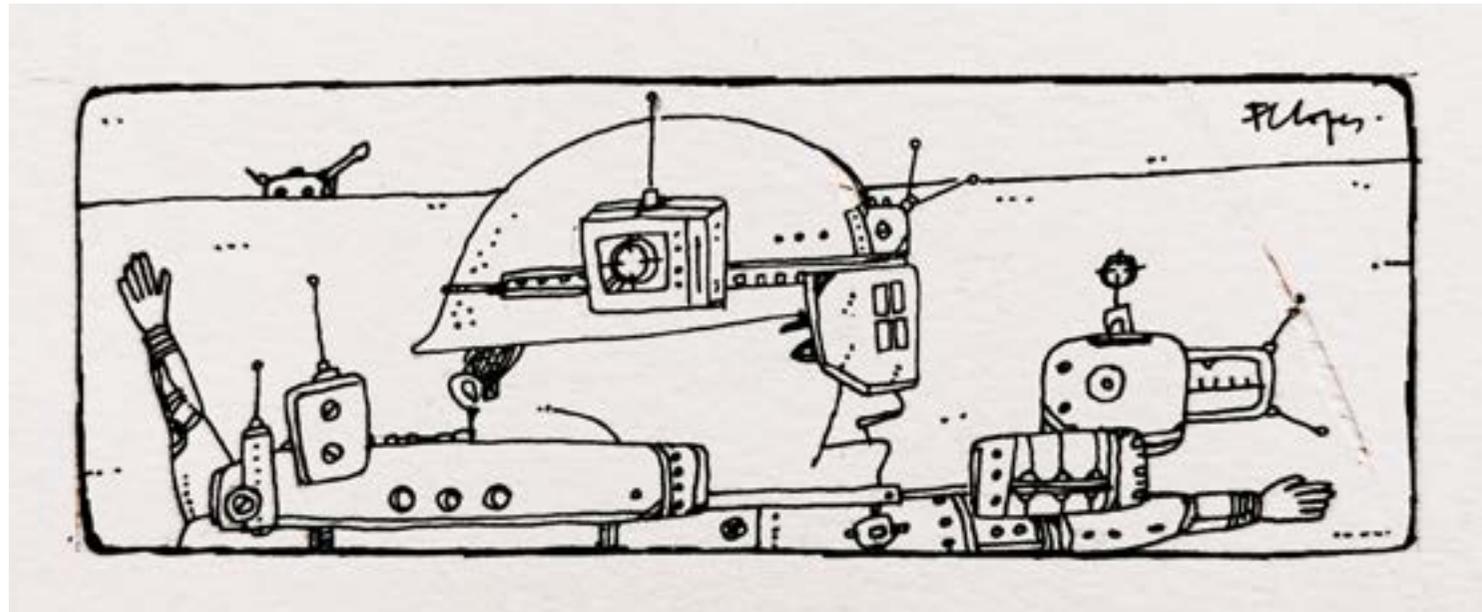


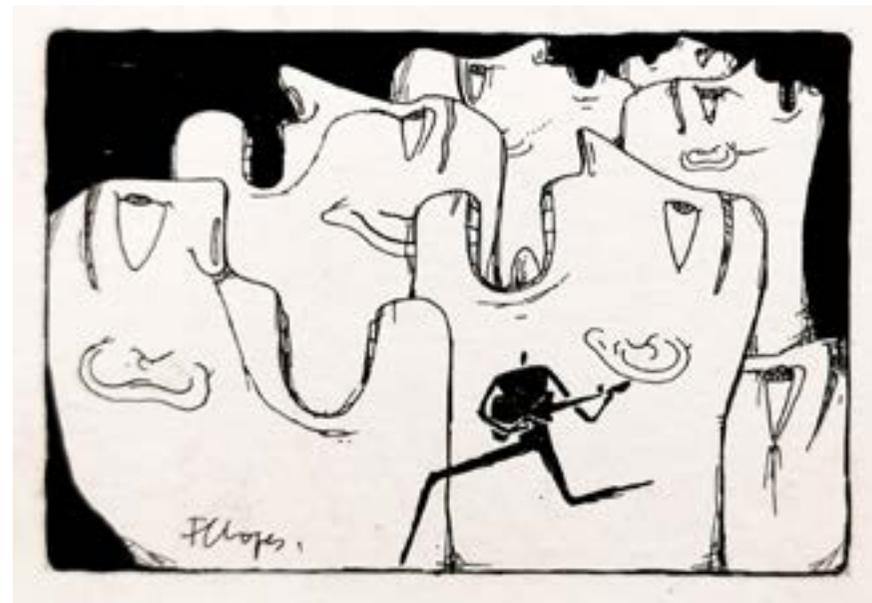
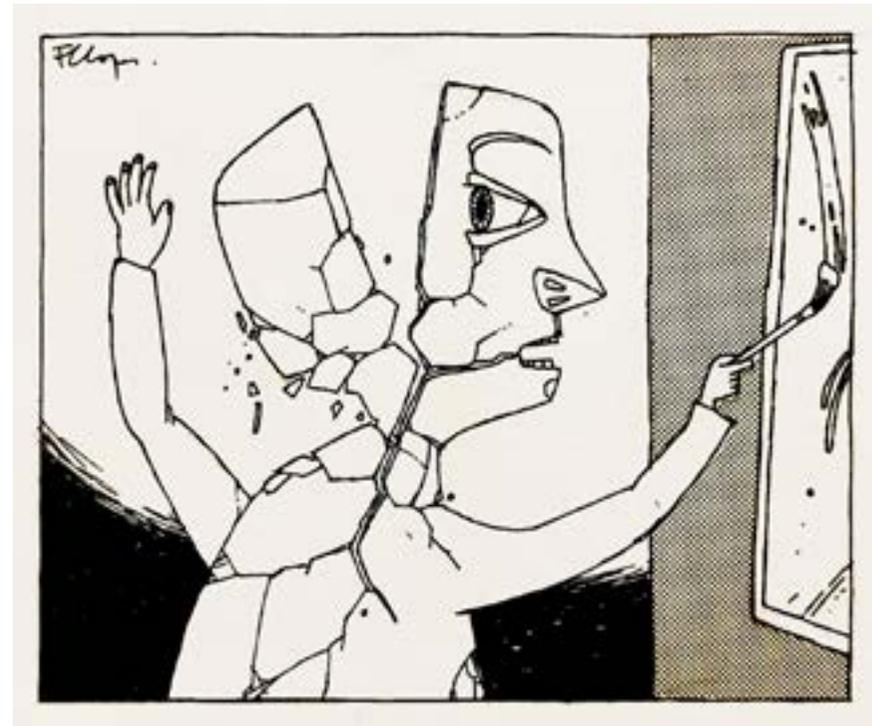
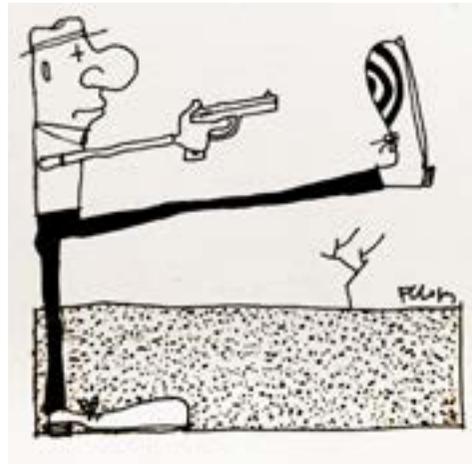
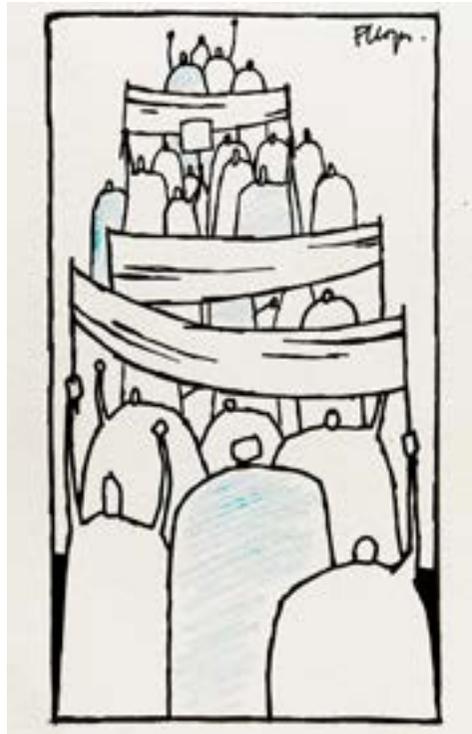
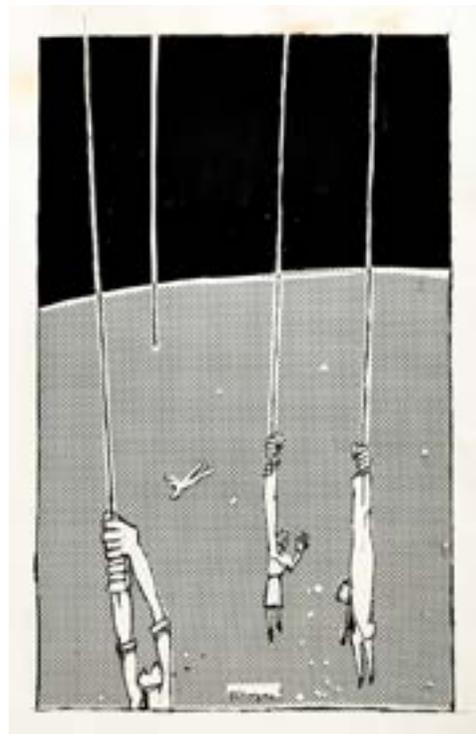


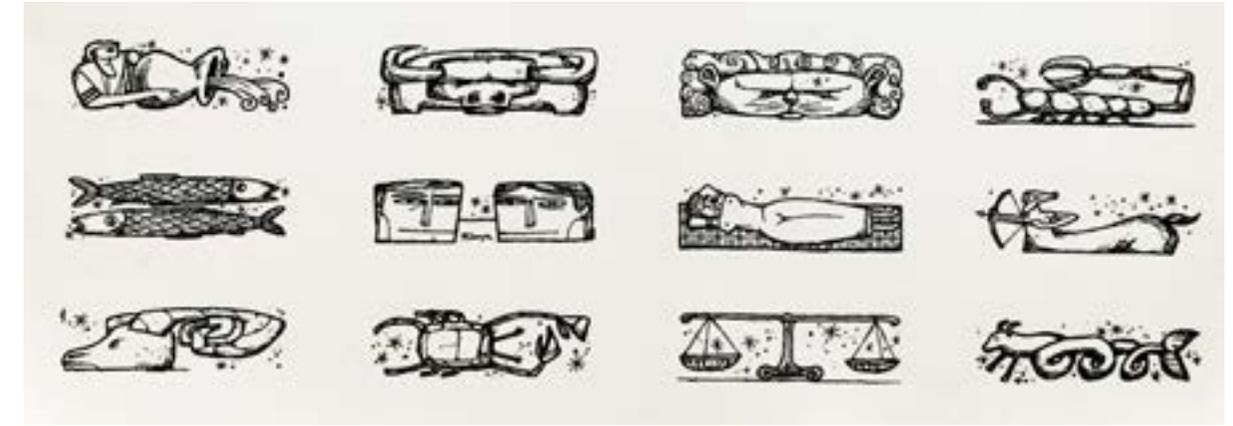
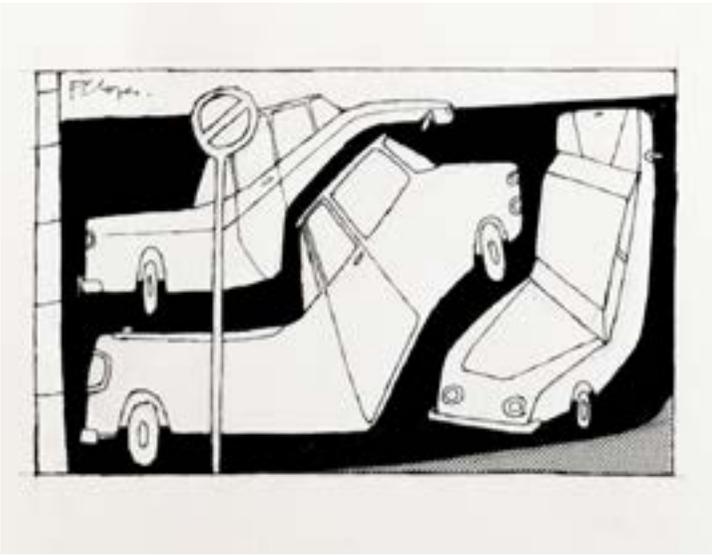
44



45



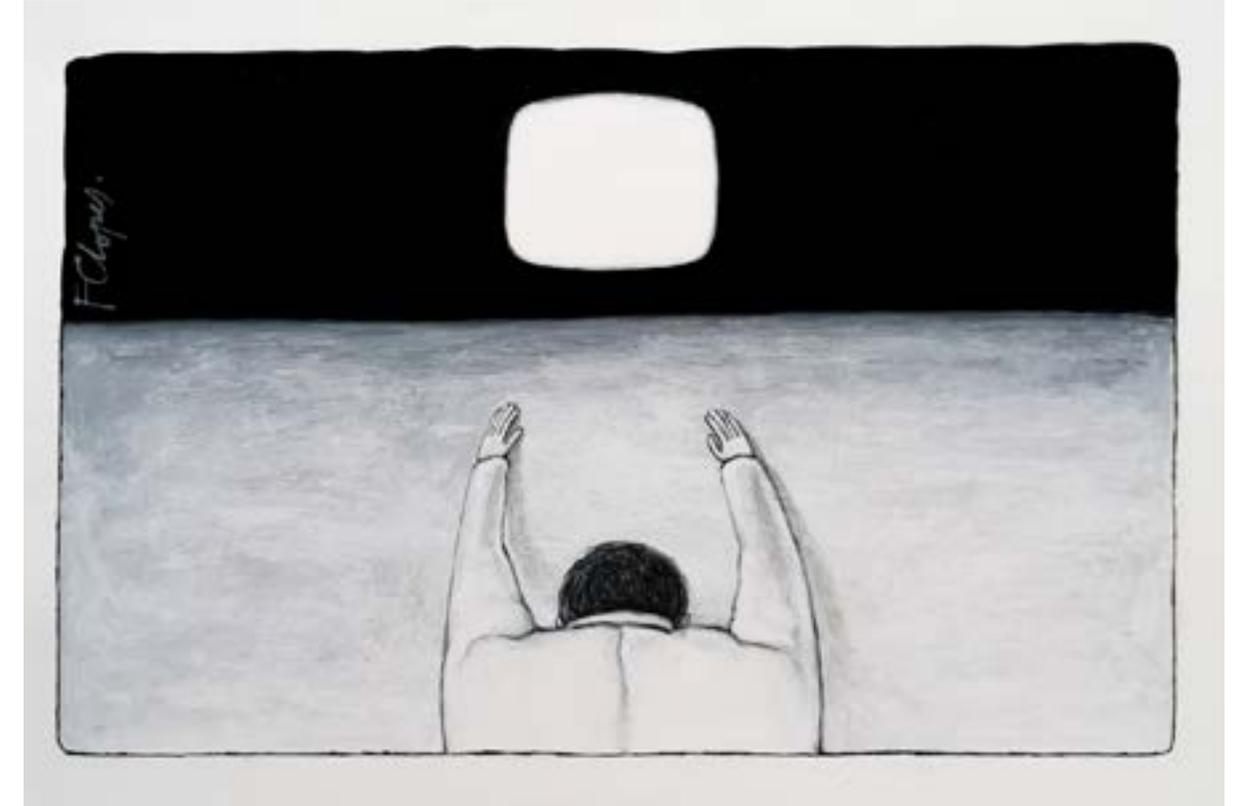


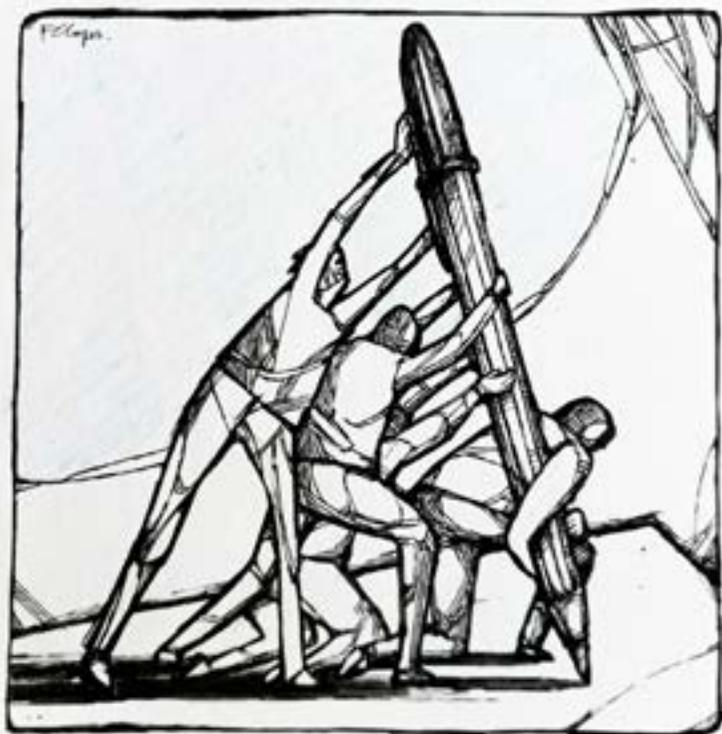


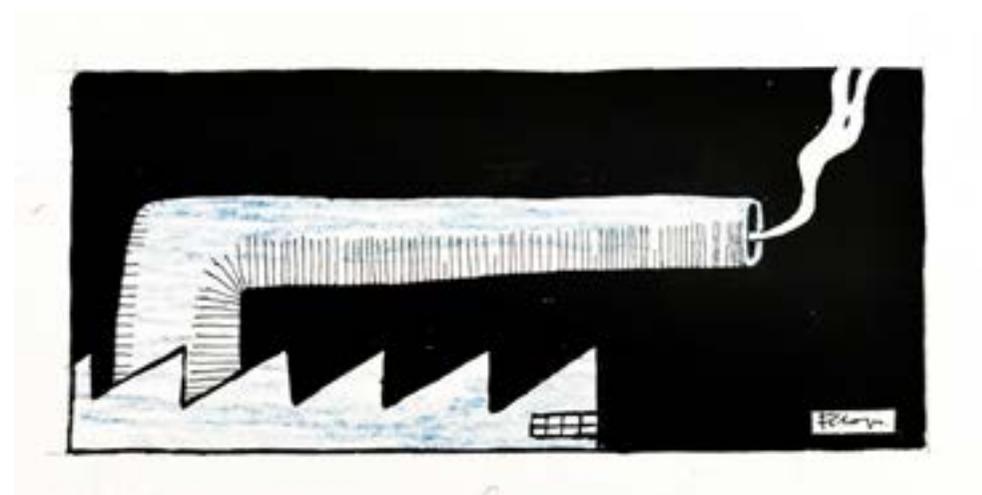
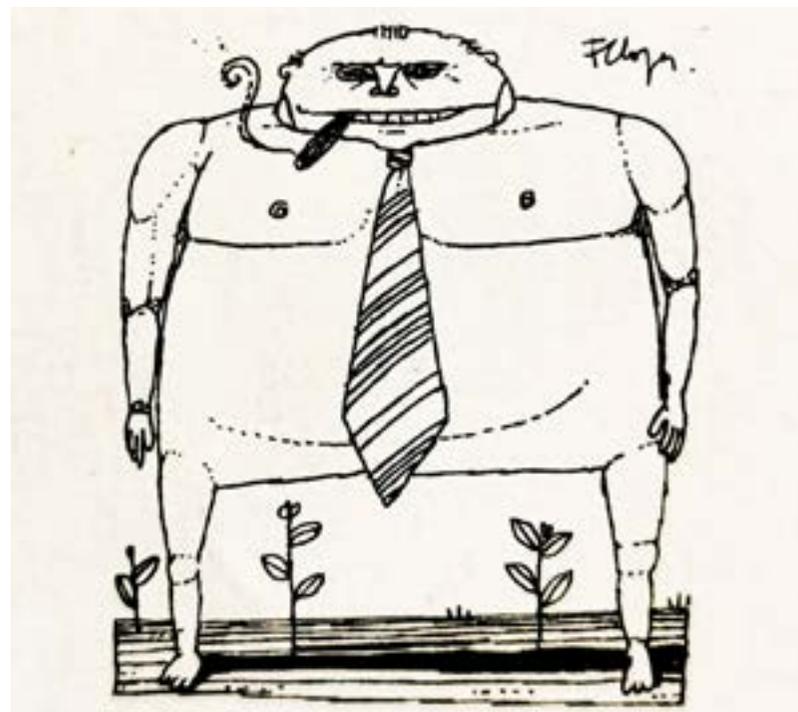
50

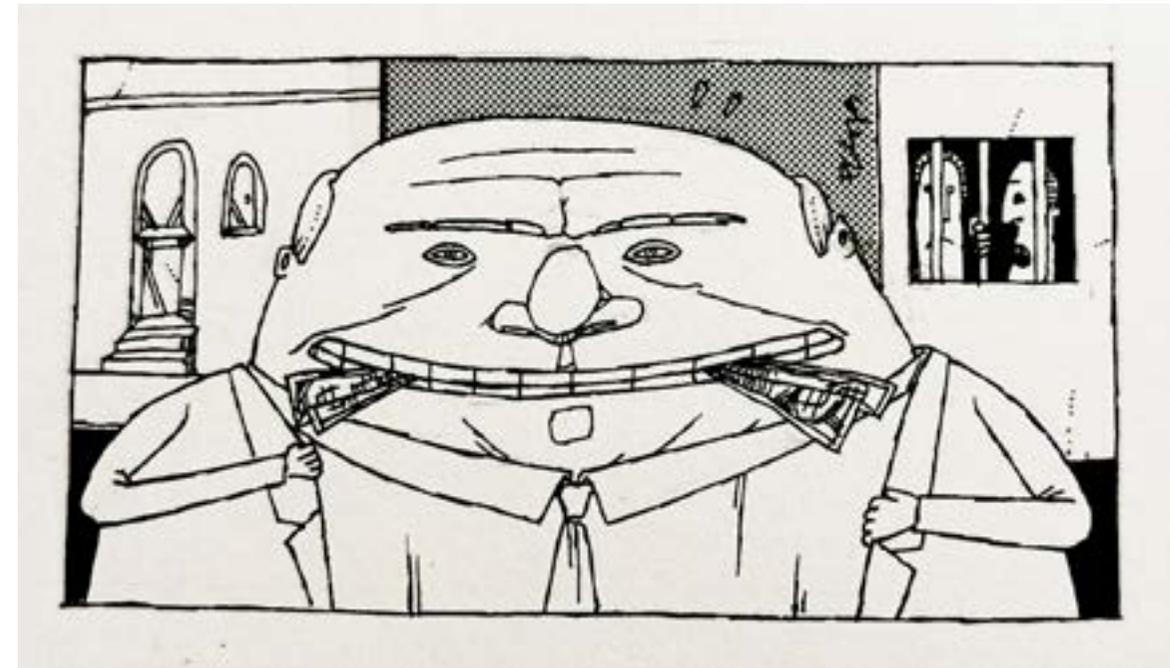


51

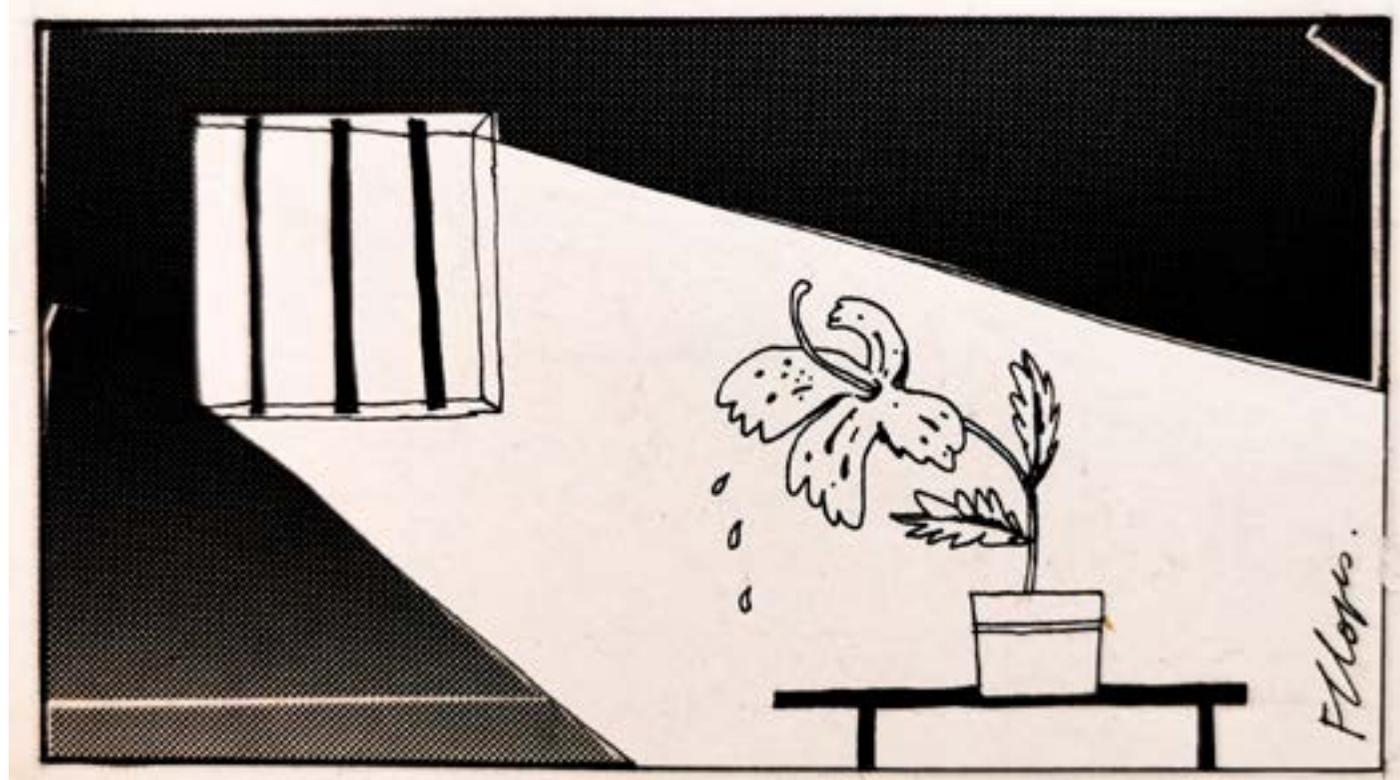




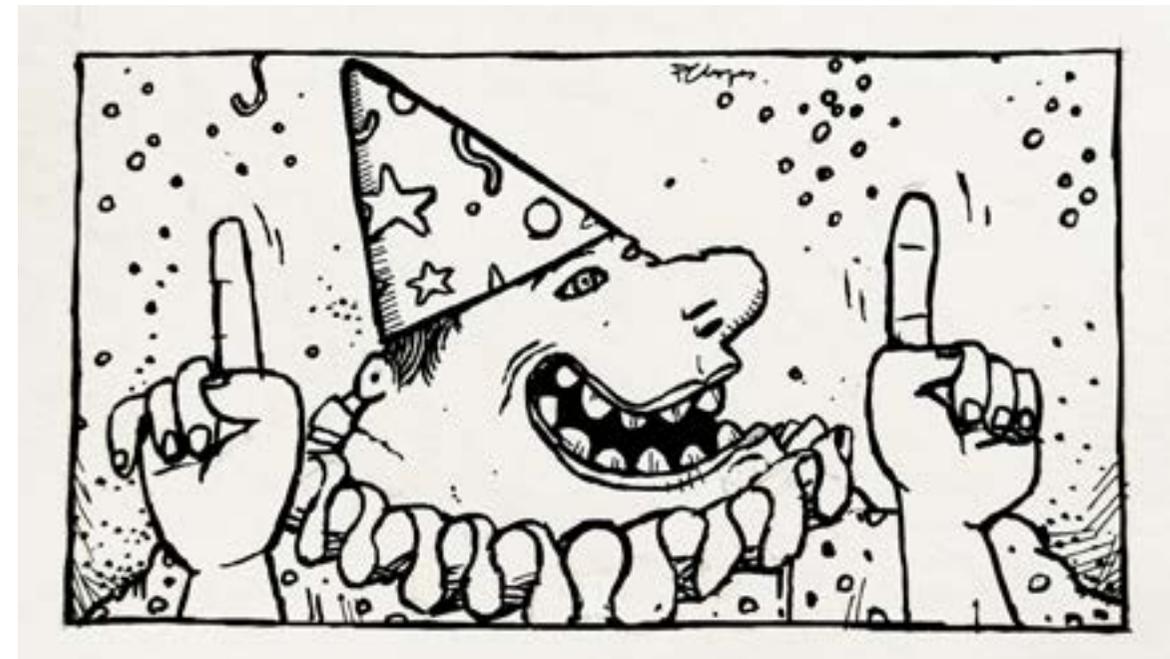


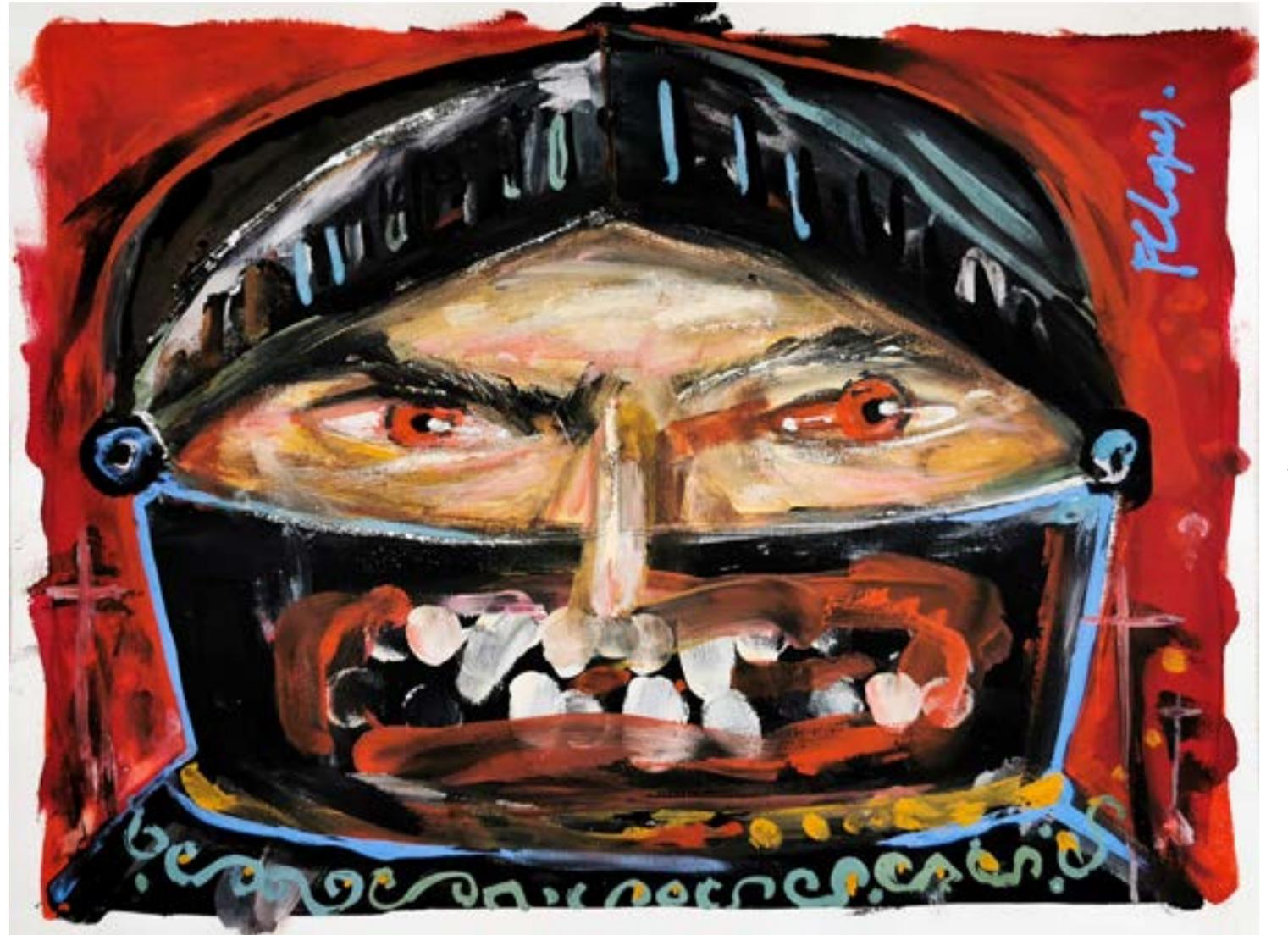


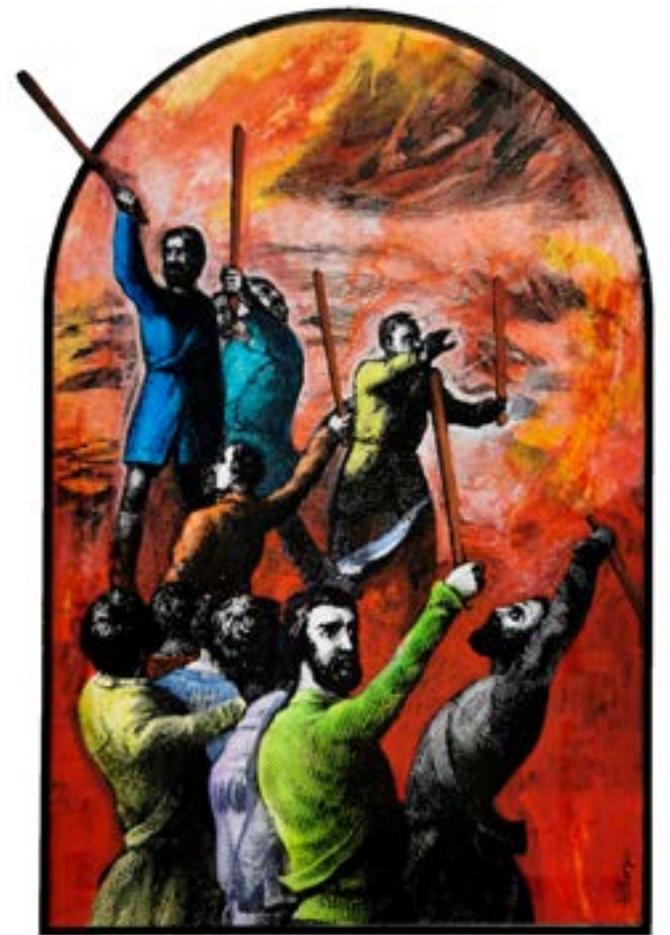
56



57





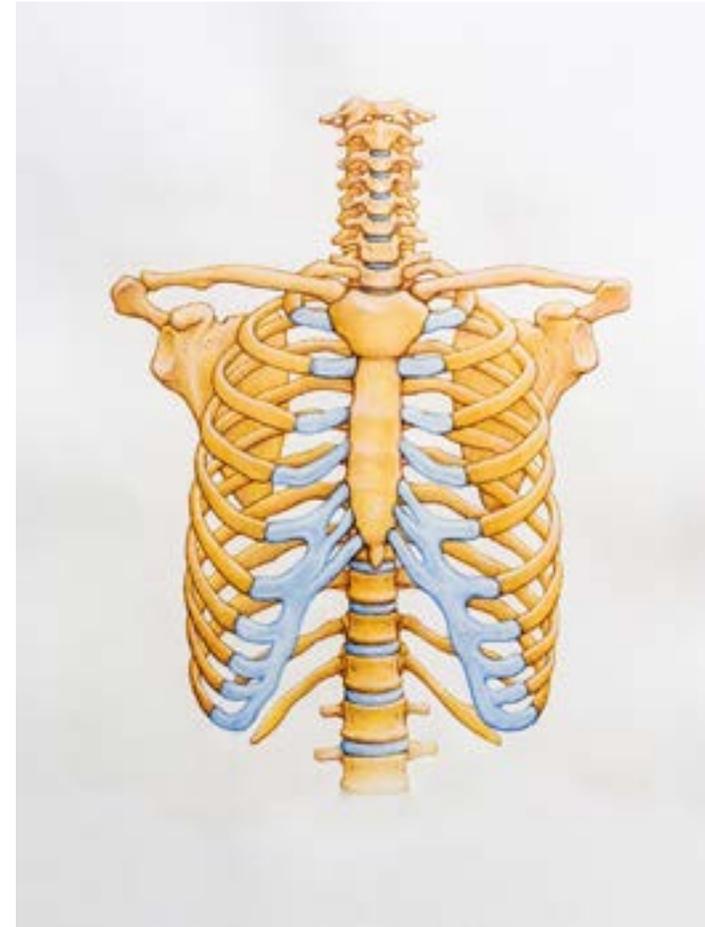
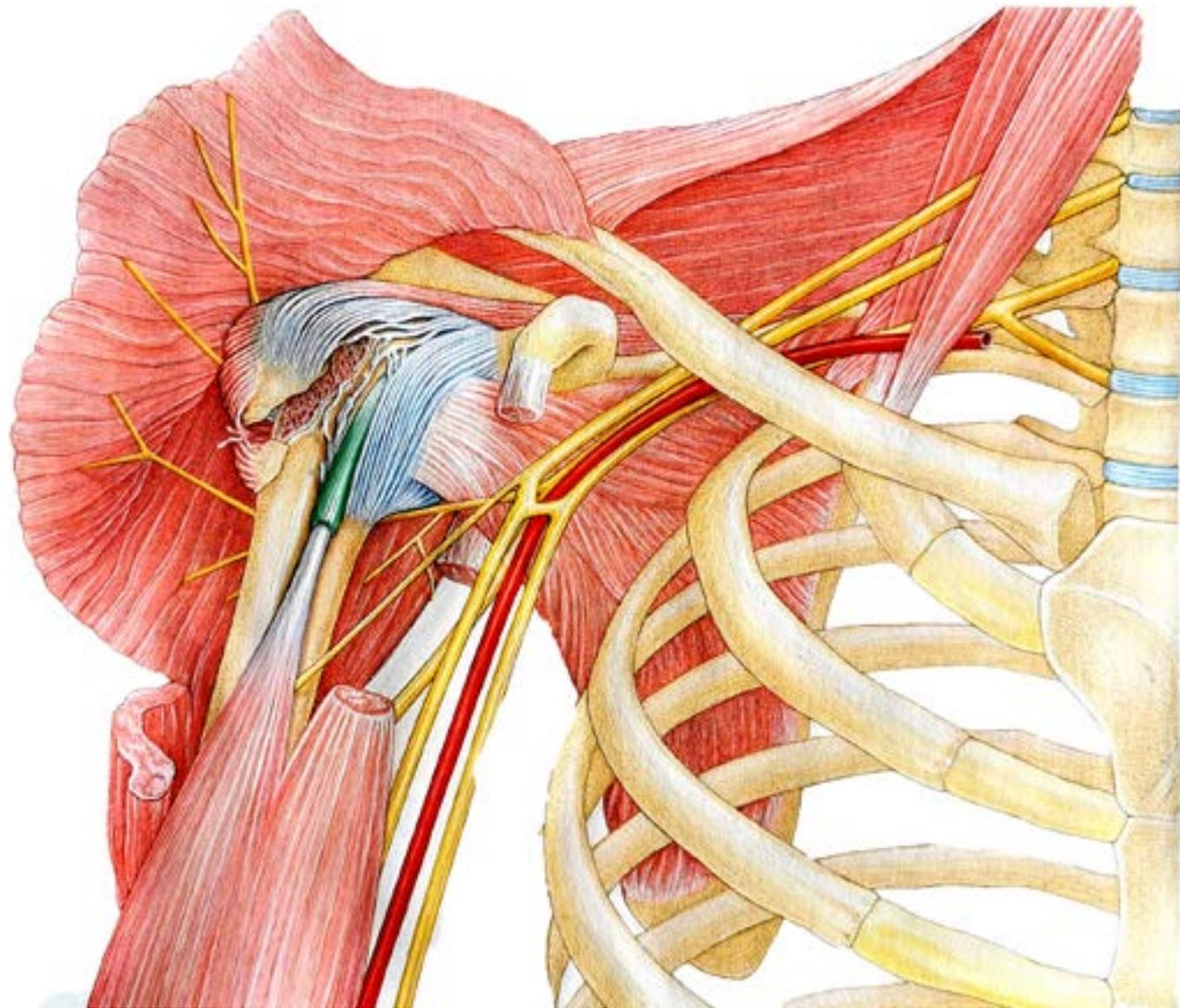


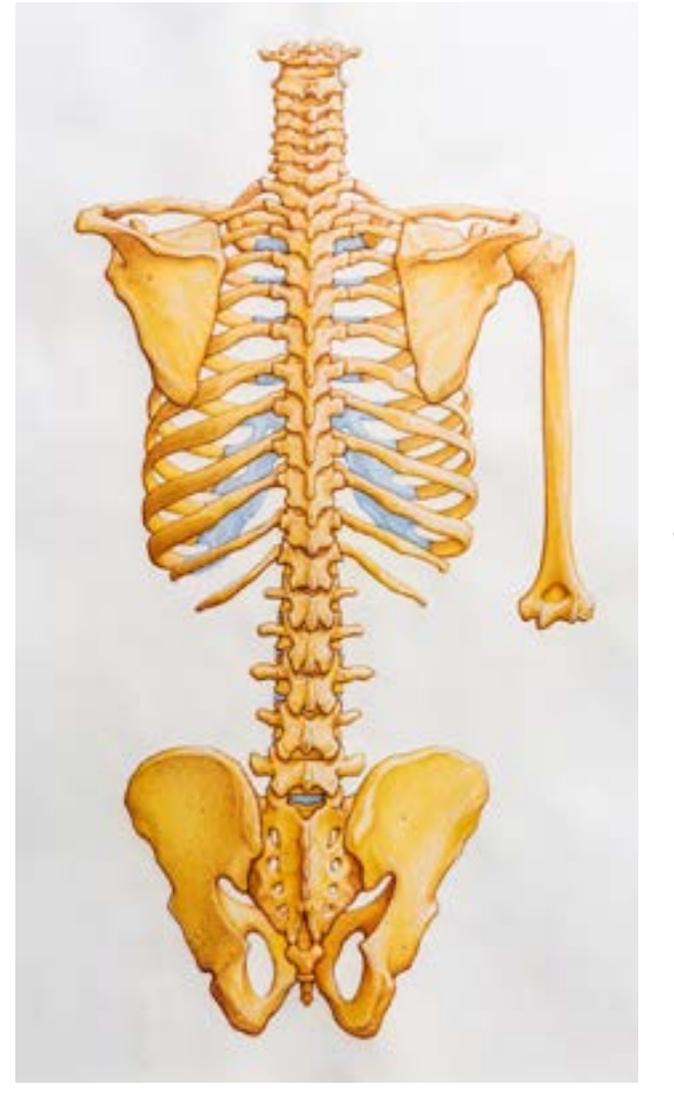
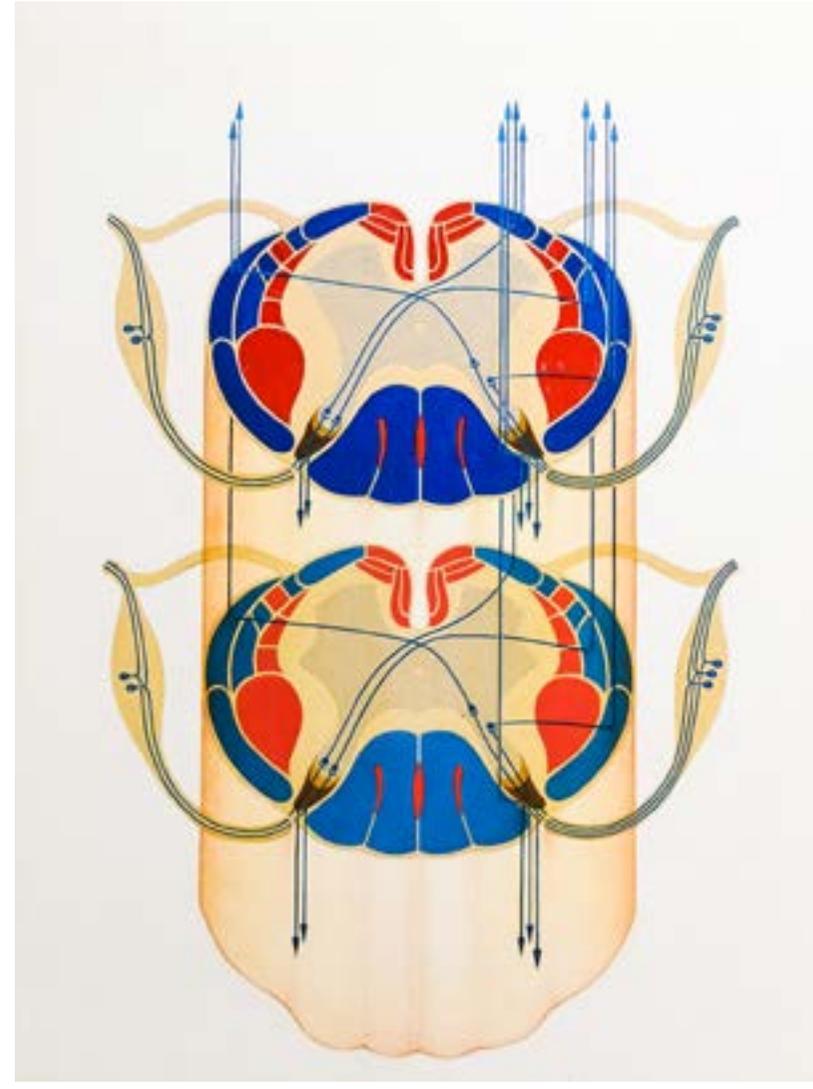


SARAH KUBITSCHKEK

Meu primeiro emprego como ilustrador foi no Hospital Sarah Kubitschek, em Brasília. Foi um período de intensa aprendizagem pessoal e profissional, pois além de precisar me adaptar à rígida disciplina funcional da instituição foi necessário condicionar meu desenho às exigências da ilustração científica. O aperfeiçoamento e o aprendizado de várias técnicas, como aerografia, aquarela e nanquim foram importantes para meu desenvolvimento posterior. O conhecimento do corpo humano também foi de grande valor, assim como a representação de transparências, texturas e estruturas anatômicas ampliaram significativamente minhas habilidades gráficas e pictóricas.

Outro aspecto, talvez bizarro, mas igualmente enriquecedor, foi o contato com a morte. Minha sala de trabalho ficava depois dos laboratórios de análise clínica, do Museu de Anatomia, da sala de dissecação, e, finalmente, das geladeiras. Os pacientes que faleciam no hospital eram entregues às famílias pelo grande portão de meu local de trabalho. Vi muitos cadáveres e assisti a cenas de grande sentimento. Essa vivência – tão essencial – deveria ser algo mais comum. Modificou profundamente minha visão das relações familiares.







CORREIO BRAZILIENSE

Em meados da década de 1990, quando o editor de arte do Correio Braziliense, Chico Amaral, me convidou para trabalhar no jornal, eu havia passado por um longo treinamento como ilustrador médico no Hospital Sarah Kubitschek de Brasília. Retornava então à imprensa diária, depois de ter trabalhado por alguns anos no Jornal de Brasília, municiado de um amplo repertório de técnicas artísticas e conhecimento anatômico. Além disso, tínhamos computadores, podendo colorir e editar nossos desenhos no Photoshop. Mesmo que a maioria das ilustrações ainda fosse em preto e branco, muitas vezes a edição era colorida. Desse modo, os desenhos que produzi nesse período apresentavam maior riqueza e variedade técnica do que em outros momentos de minha vida profissional. No Correio encontrei um modo próprio de tratar a notícia. Com a crueza e o realismo necessário, mas também com poesia.

FERNANDO LOPES



Em pelo menos um aspecto, as antigas redações de jornal eram lugares mitológicos. Refiro-me à exigente tarefa do “fechamento”, quando os esforços das várias editorias convergiam para a confecção de um único produto: a edição. Na manhã seguinte, a pedra rolava morro abaixo e era preciso recomeçar do zero. Na gráfica, gigantescas bobinas de papel aguardavam a vez de receber tinta.

Para alguns, essa rotina nada tinha de entediante. Pelo contrário, era uma espécie de testemunho da capacidade humana de se reinventar e agir no mundo. Esses devotos de Mercúrio não se cansavam com facilidade. Outros, porém, sentiam a angústia da página em branco e pareciam ter ampuhetas atadas ao pulso. Eram os filhos de Sísifo, sempre tensos com o prazo e com a quantidade de demandas.

Em seus anos de Correio Braziliense, Fernando Lopes navegou muito bem sob esses dois signos – a ponto de o seu traço ter se fundido ao projeto gráfico do diário fundado por Assis Chateaubriand. Não foram poucas as

vezes em que páginas inteiras foram diagramadas a partir de uma arte de Fernando. E mais: seus desenhos viraram capas, quebrando a tradição de valorizar a foto mais impactante do dia.

Nas reuniões de pauta, era comum que se dissesse: “Deixa esse assunto pro Fernando. Ele vai dar um jeito”. E aí vale uma explicação: geralmente, encomenda-se “uma arte” para a notícia sem apelo visual imediato, que não rende fotos. Além disso, a ilustração proporciona a abordagem de temas difíceis ou abstratos, como morte, vício e saudade. Fernando se tornou um mestre em traduzir esses pedidos com sensibilidade e respeito à inteligência do leitor.

Tentar desvendar o processo criativo de um artista é uma pretensão boba. Anos de convivência, porém, sugerem padrões que valem a pena ser anotados. O primeiro é que os dilemas estéticos eram resolvidos no papel.

Após uma etapa de pesquisa, Fernando trazia esboços a lápis que já eram uma depuração radical do campo semântico. Esses desenhos acabavam sugerindo caminhos para o texto e pediam títulos sob medida. As palavras capitulavam diante da qualidade da imagem, o que demandava um esforço extra do redator.

O segundo é que o poder de síntese de Fernando deriva da compreensão do simbólico. Nesses rascunhos, ele procurava deliberadamente unificar elementos com a ajuda das formas simples: círculos, triângulos e quadrados. Depois

vinham as cores, com novas camadas de significados. Nesse universo, figuras humanas, bichos, árvores e pedras podiam intercambiar propriedades, sem nenhum problema (embora, com estranhamento).

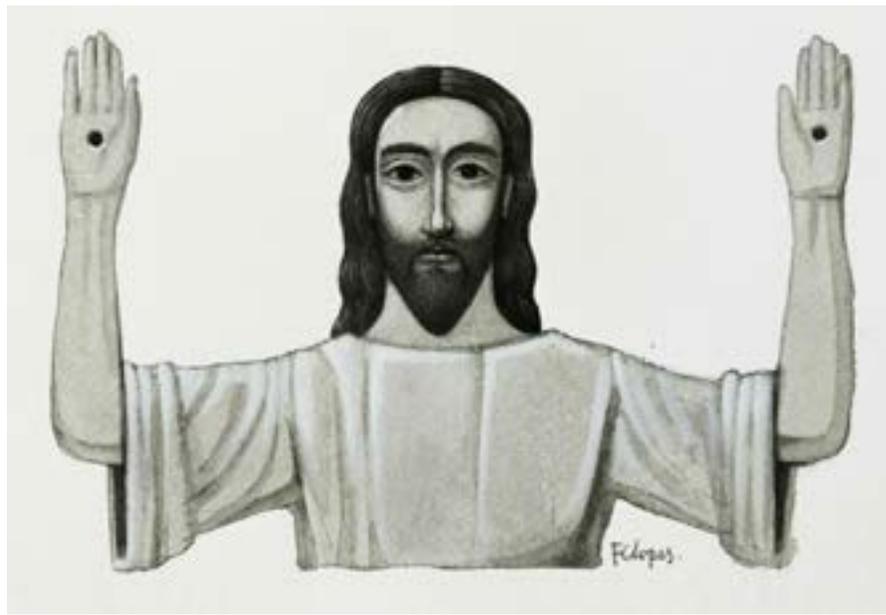
Terceiro: séries eram formadas de modo espontâneo pelo critério morfológico. Por exemplo, havia coleções de flores, olhos, bocas e corações. Particularmente tocante era um coração envolto em cordas, com nós cegos e carcomidos pelo tempo – uma imagem muito forte para estagnação afetiva. Finalmente, é preciso ressaltar que essas imagens ganhavam vida por força da técnica. Entre outros recursos, Fernando desenvolveu a habilidade de criar texturas variadas com guache. Isso explica a aparência de ferrugem e corrosão encontrada em diversos trabalhos.

Fernando ajudou a dar uma cara ao Correio Braziliense. E o fez ao interpretar as notícias pelo viés da arte. Se sua produção sobrevive fora do contexto de origem, caso desta exposição, é porque acessa sentidos ocultos e profundos, que não cabem nas 24 horas do dia.

GUSTAVO T. FALLEIROS

Subeditor da Revista do Correio entre 2009 e 2017









76

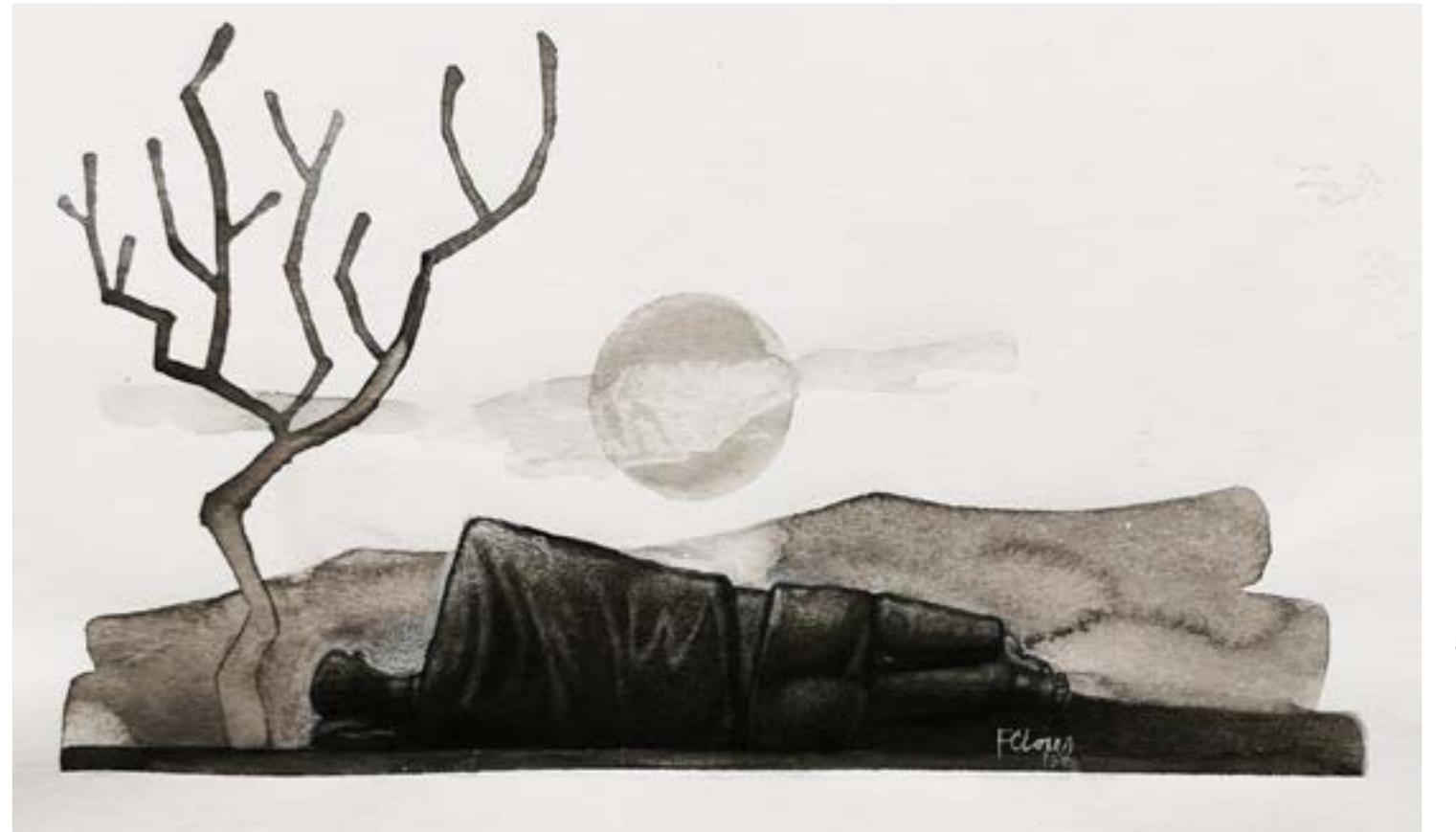


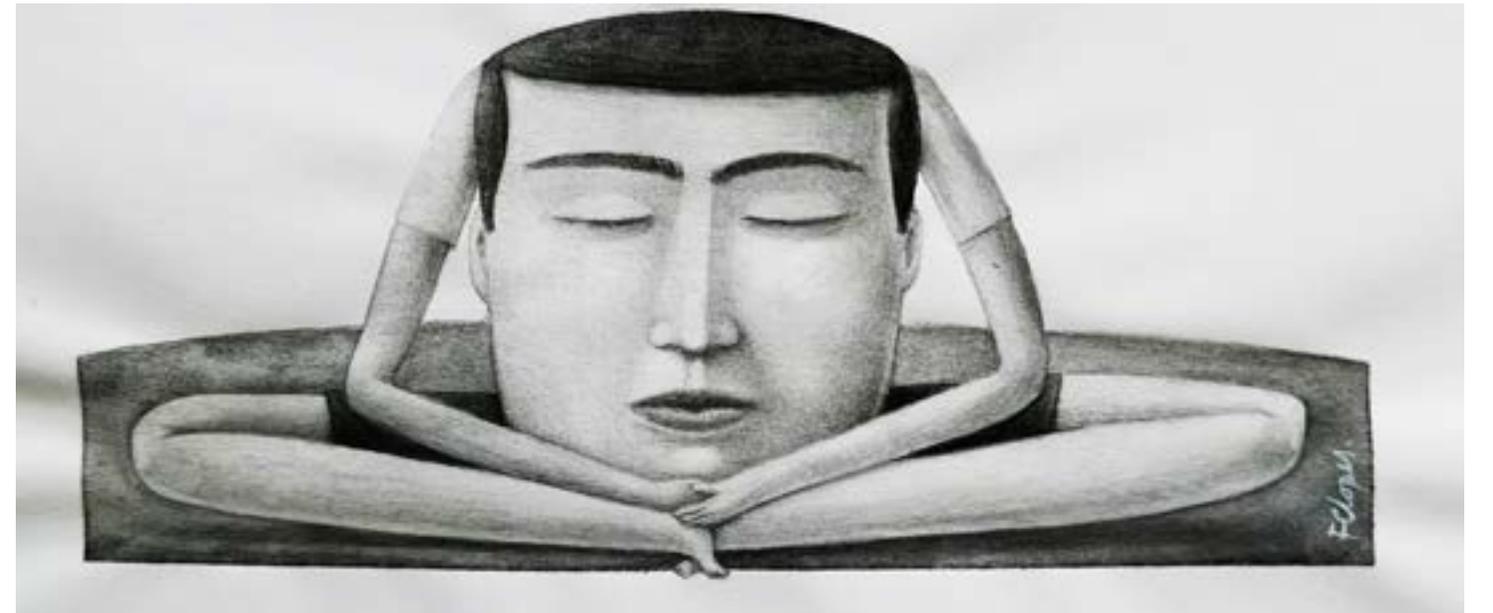
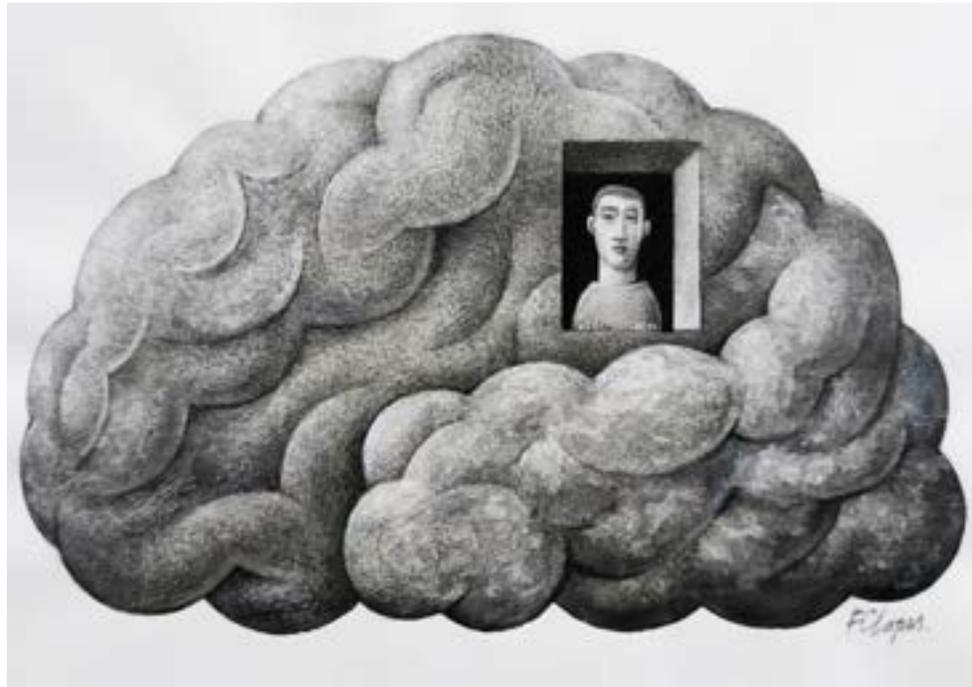
77

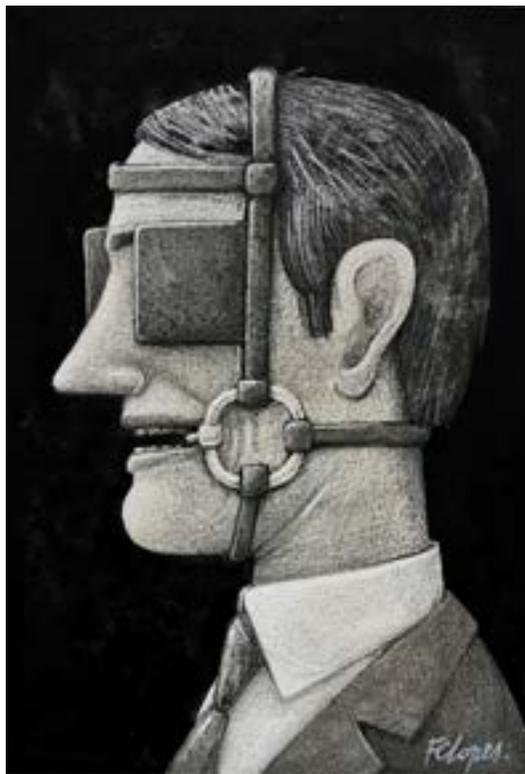


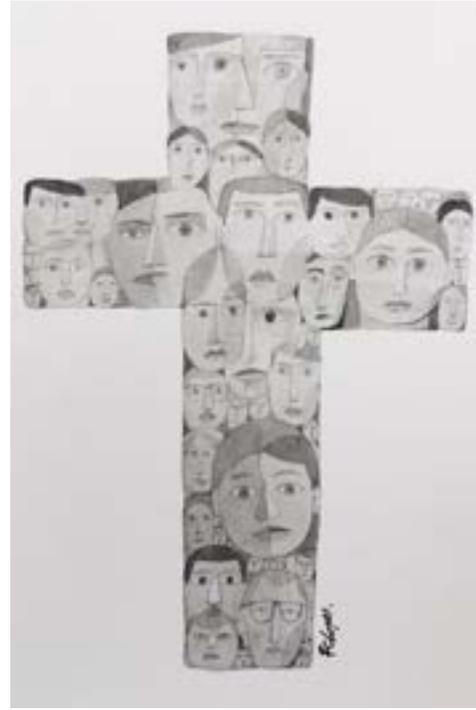


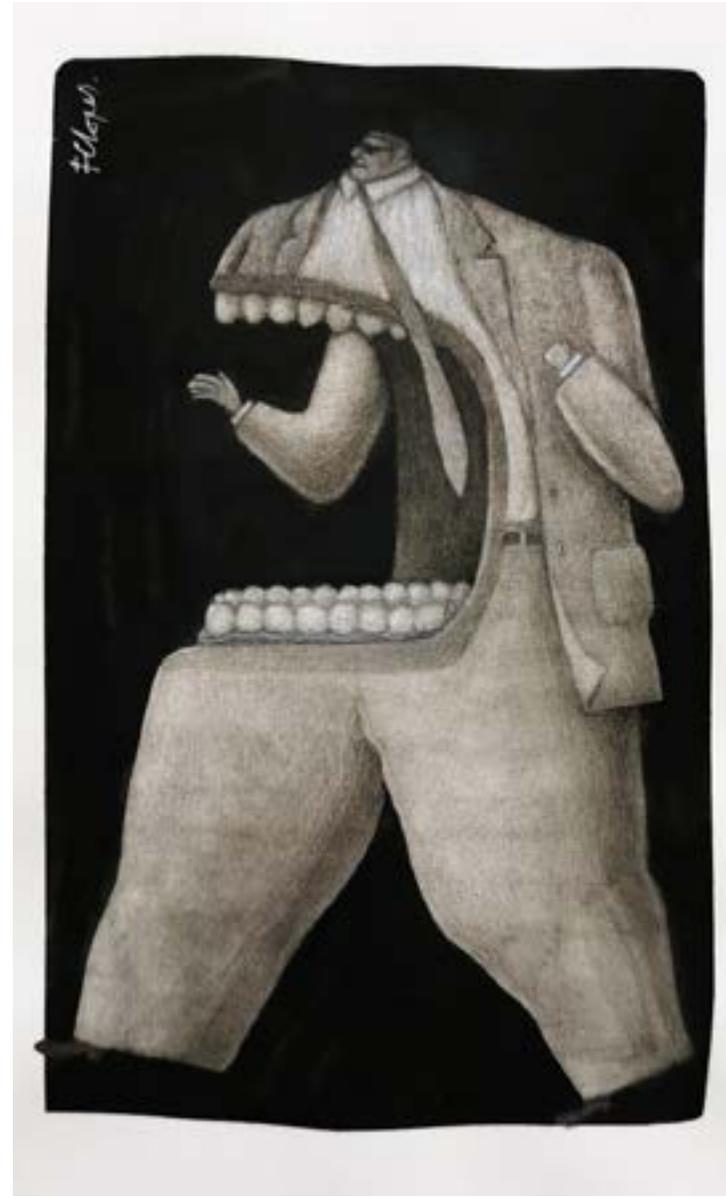
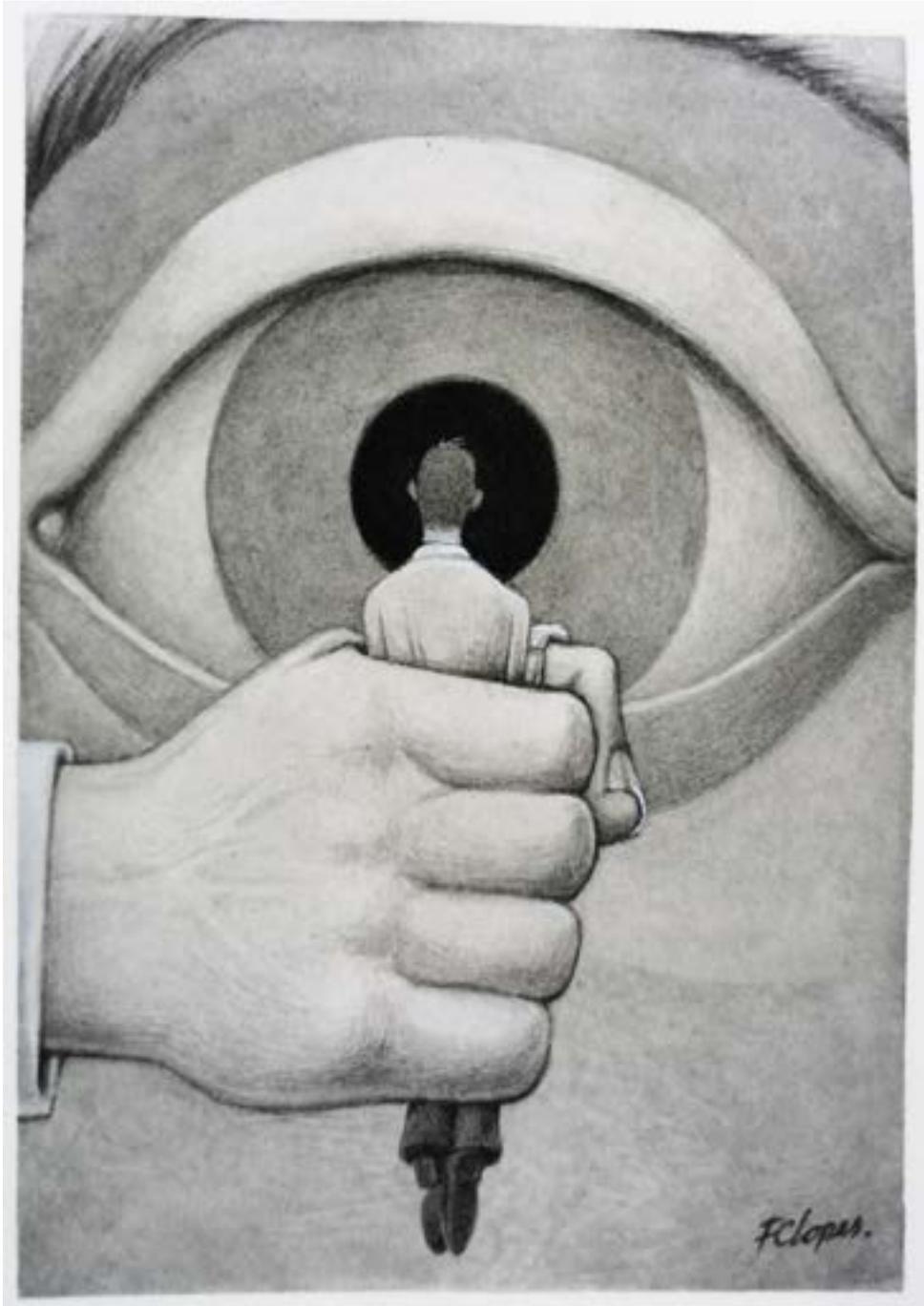


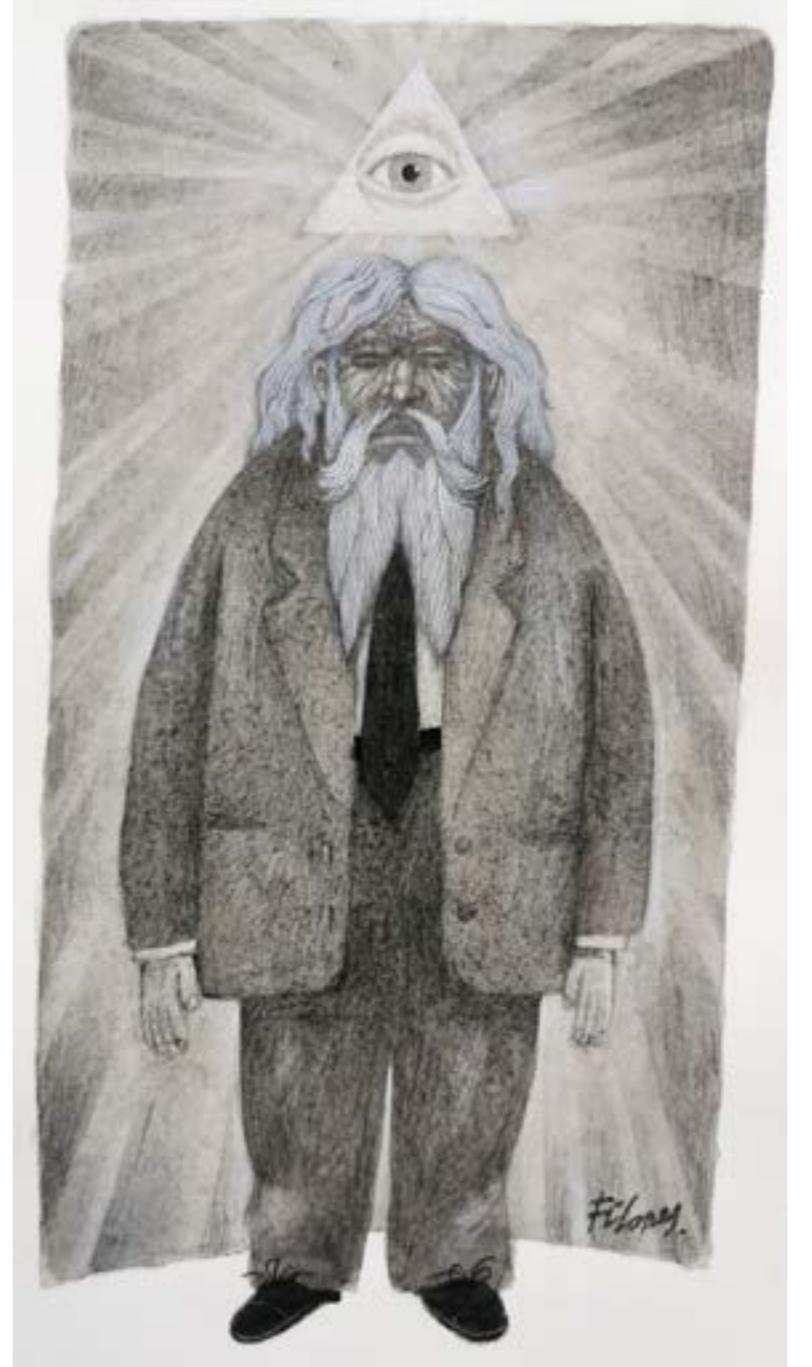




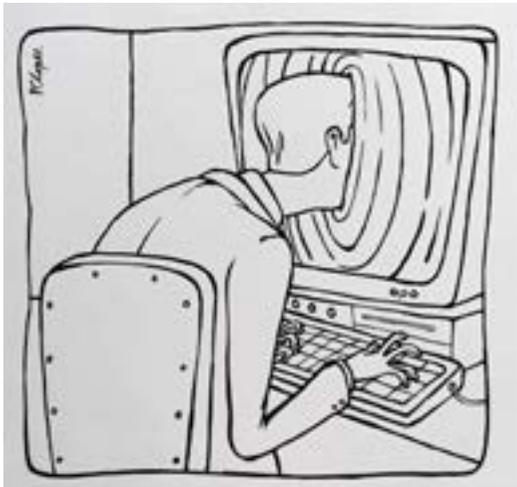




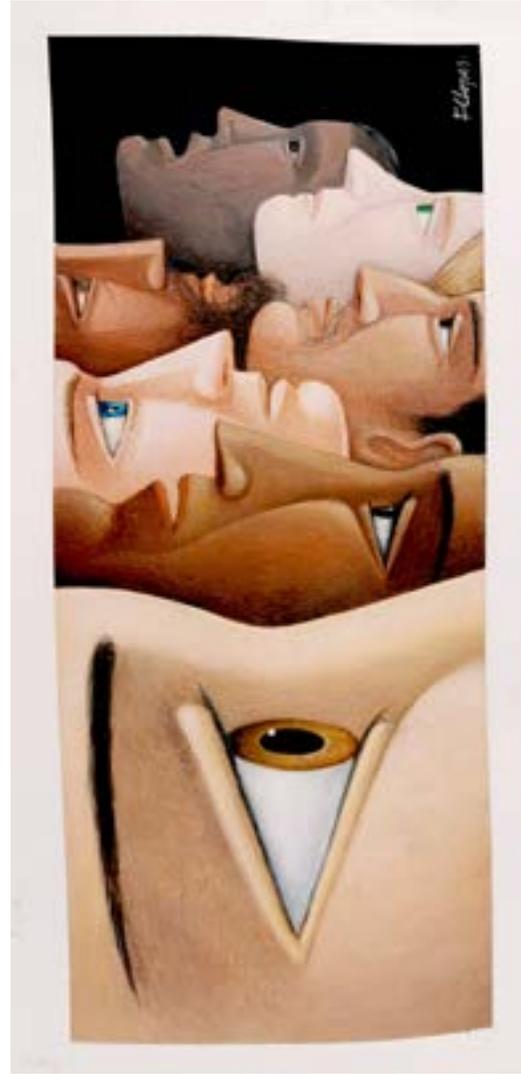


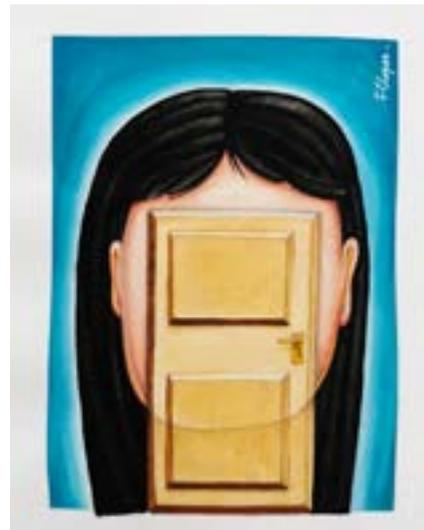


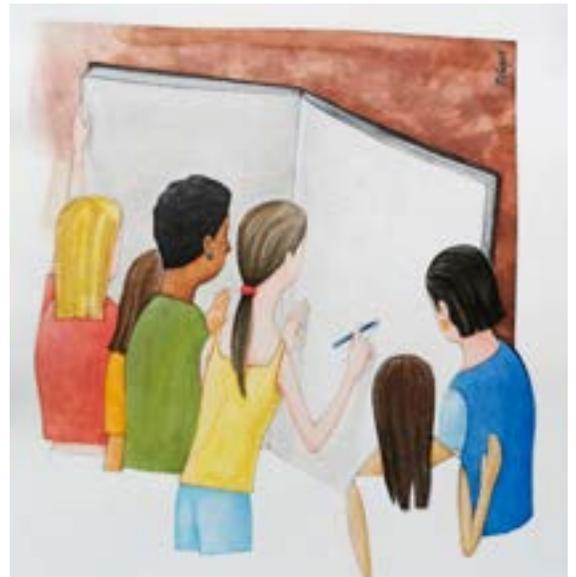


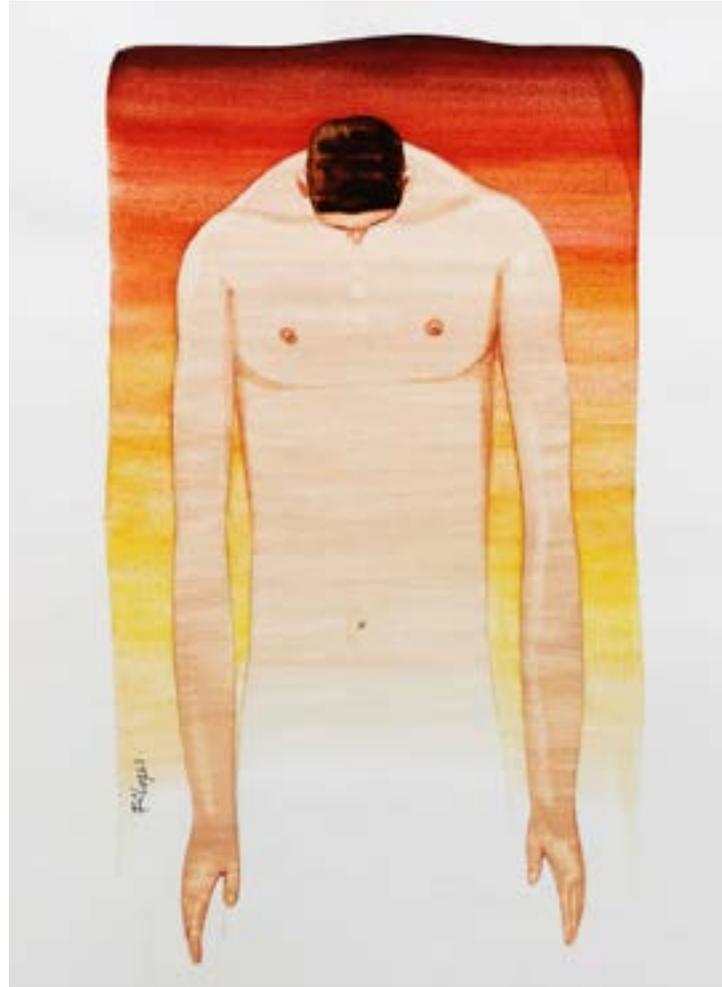




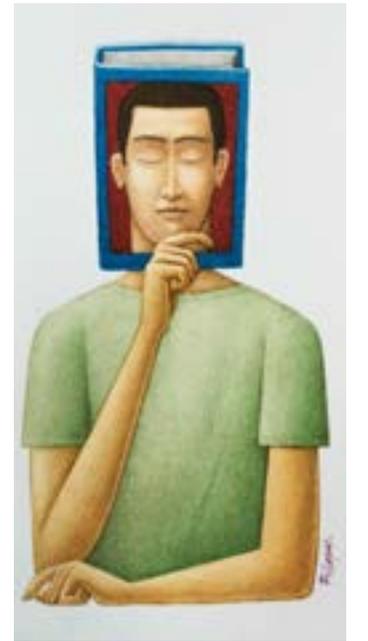














NA BOCA DE CENA

O ilustrador Fernando Lopes pariu-se inteiro em seu primeiro desenho. Se a angústia do artista é encontrar seu assunto, a primeira imagem produzida pelo adolescente Fernando deve ter lhe economizado algo desse sentimento. Apesar de nossa longa amizade, não conhecia esta imagem e me surpreendeu reconhecer ali as pautas que marcam sua forma de encenar o mundo: um traço que submete corpos, orgânicos ou não, à pressão do intérprete, deformando-os e inaugurando formas só possíveis naquele universo. É um desenho que dói quando se sente no corpo.

Fernando não erra na anatomia. Seus anos de trabalho no hospital Sarah Kubistchek atestam uma maestria no entendimento dos corpos. O que lhes deforma é a alma que neles ele insufla. O desenho é denso, teatral. Dispõe as coisas como numa boca de cena e cada ilustração é um ato que explica uma dor, uma perplexidade, um lampejo e, como os jornais muitas vezes exigem, uma obviedade.

Apesar de próprio, não é um mundo totalmente inventado. É uma obra que dialoga com referentes da história da arte e busca nela a simbologia que facilita as senhas de reconhecimento e de interpretação do que se coloca em cena.

Em sua obra editorial, ele traduz por encargo conceitos verbais, ultrapassando-os. E apesar de ser criada a partir de demandas variadas, se constitui em grupos narrativos independentes, conjuntos de crônicas visuais que se assanham do universo de Fernando sobre nós, e com ele nos identificamos.

CHICO AMARAL.

Barcelona, outubro de 2019

RETRATOS



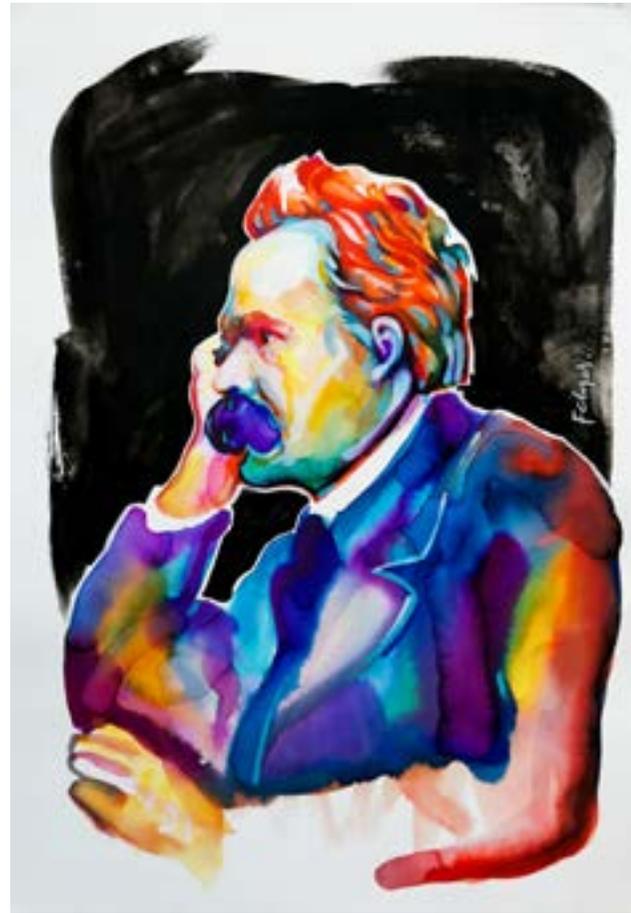
Alan Turing



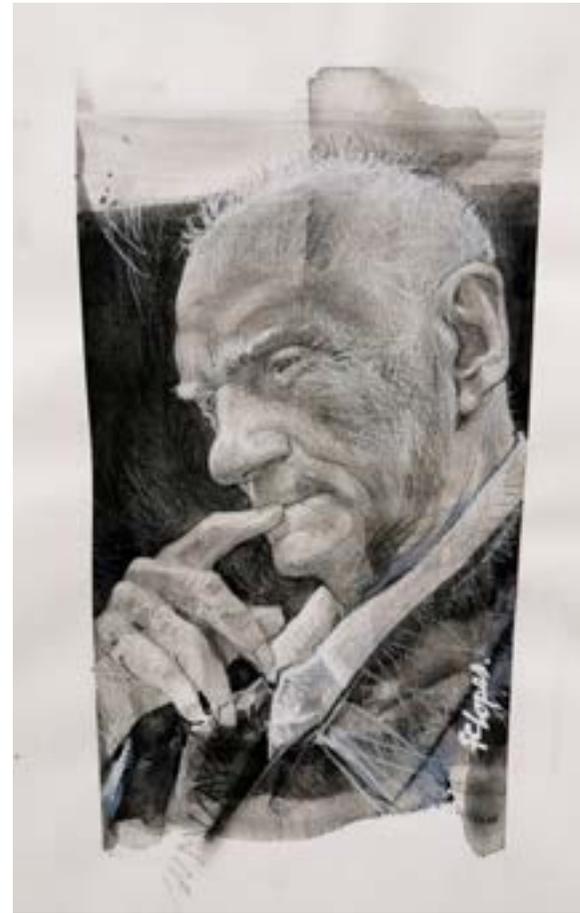
Nelson Mandela



Claudio Santoro



Friedrich Nietzsche

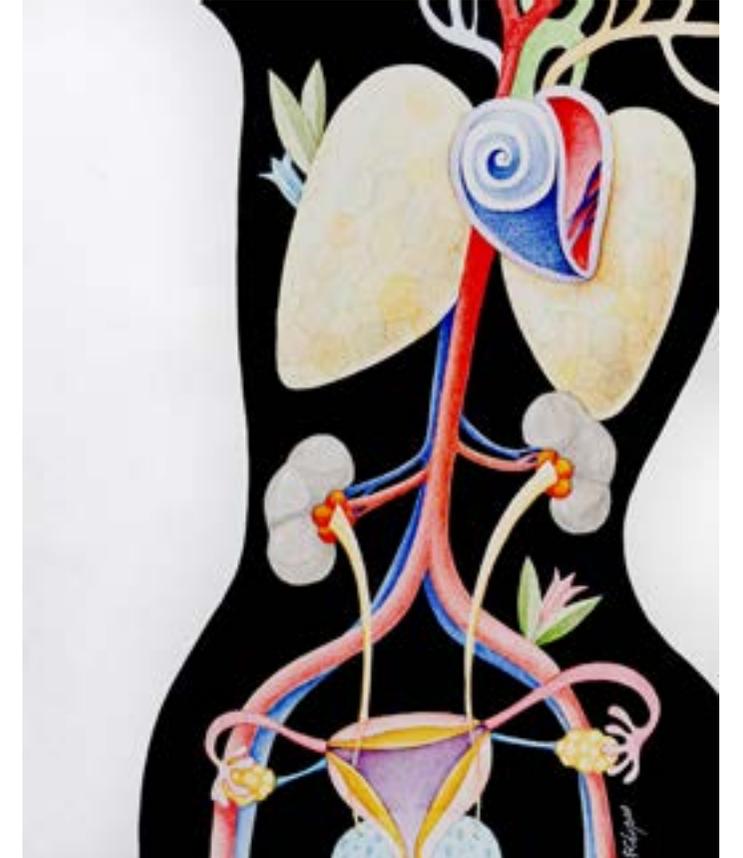


Ariano Suassuna



Santos Dumont

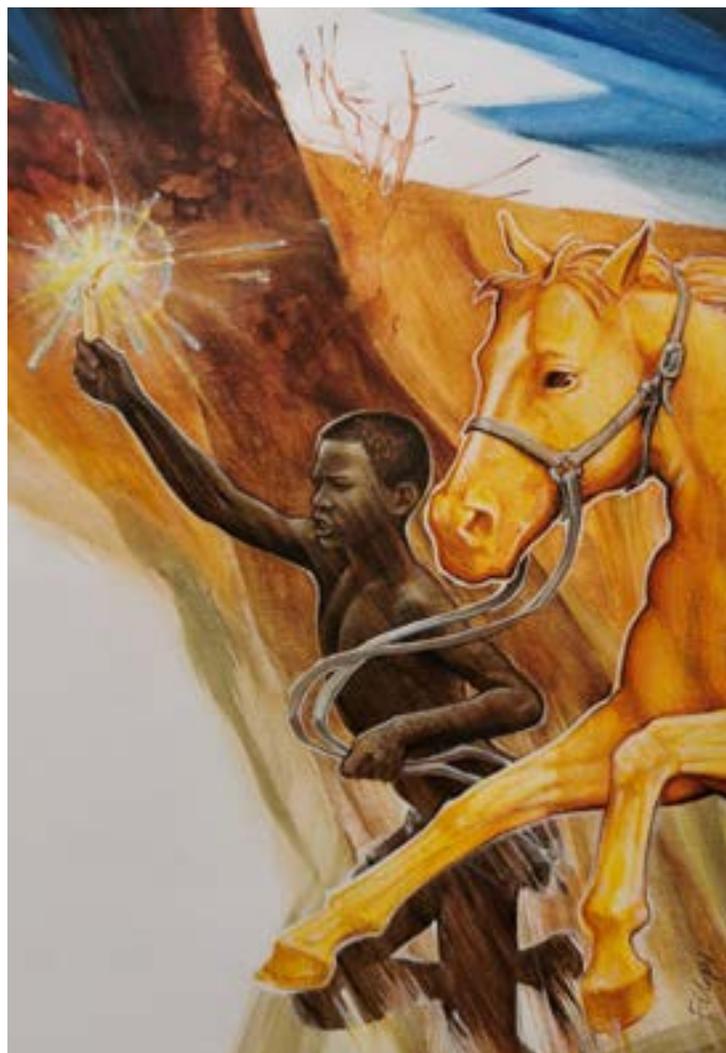
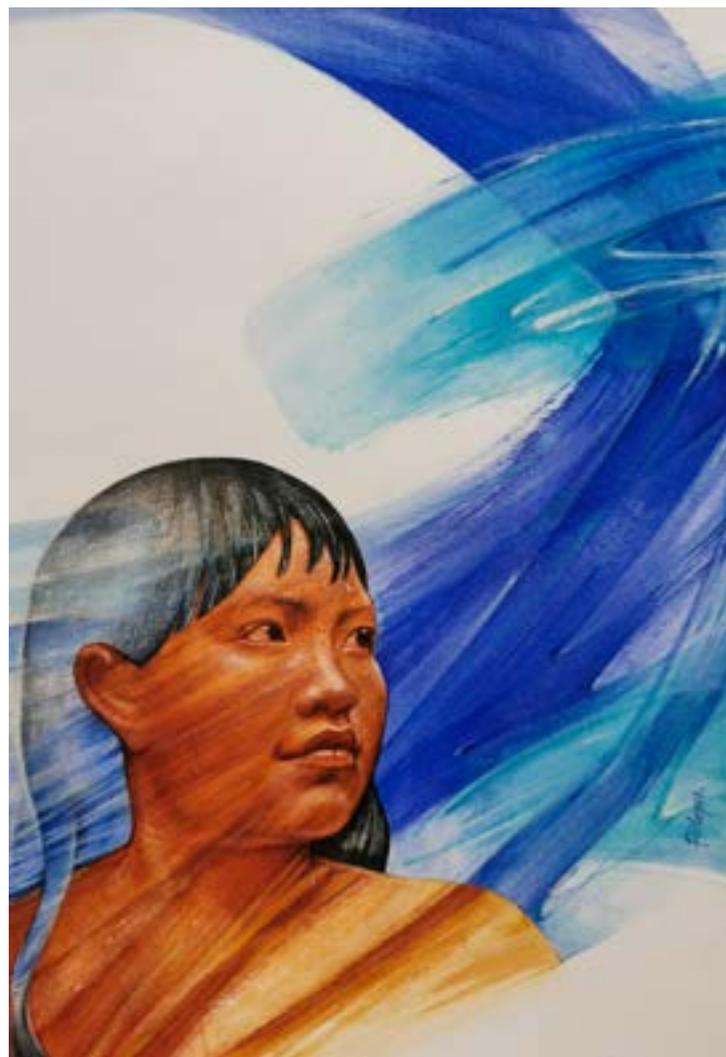
REVISTA DO CORREIO







LIVROS



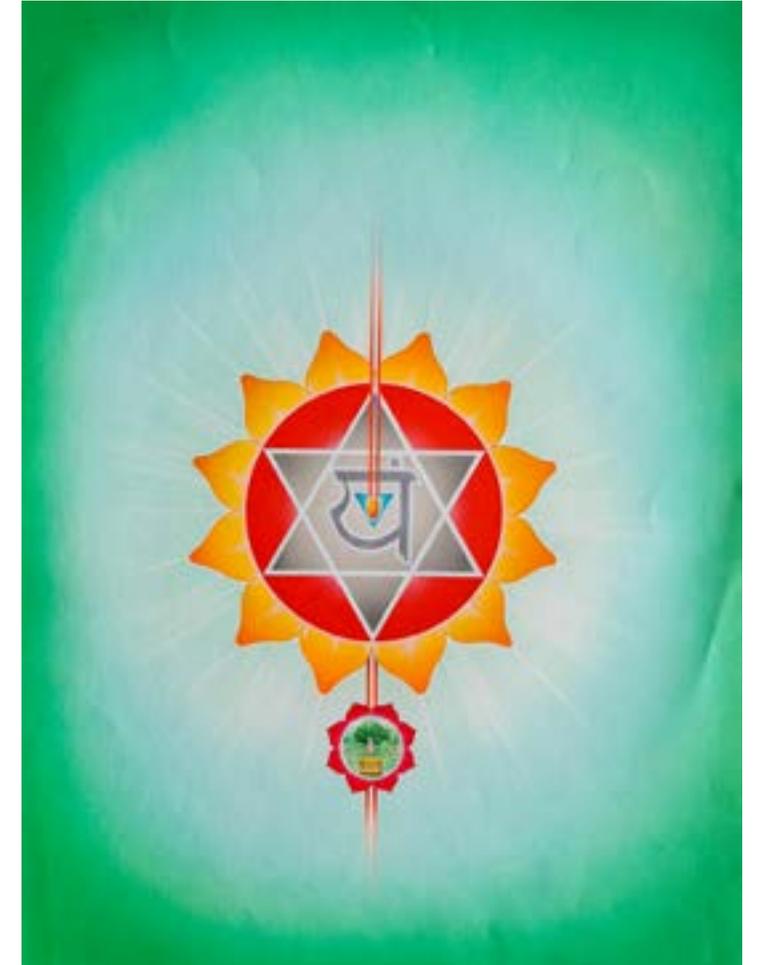
"Como nasceram as Estrelas", Clarice Lispector,
Editora Rocco, RJ, 1999



"O Pequeno Catador de Estrelas", Madalena Rodrigues,
Franco Ed., Juiz de Fora, MG, 2019



"Solidariedade", Márcia de Castro Lopes, Ed. LGE, Brasília, 2008



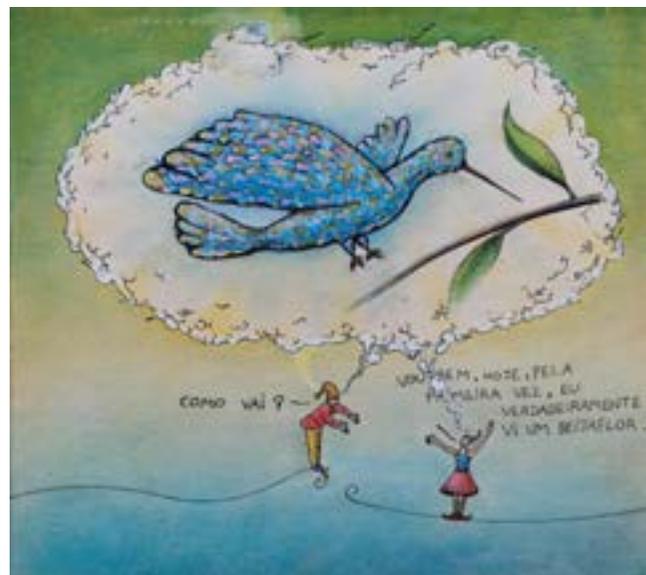
"A Ciência do Yoga", I.K.Taimni, Editora Teosófica, Brasília, DF, 1993



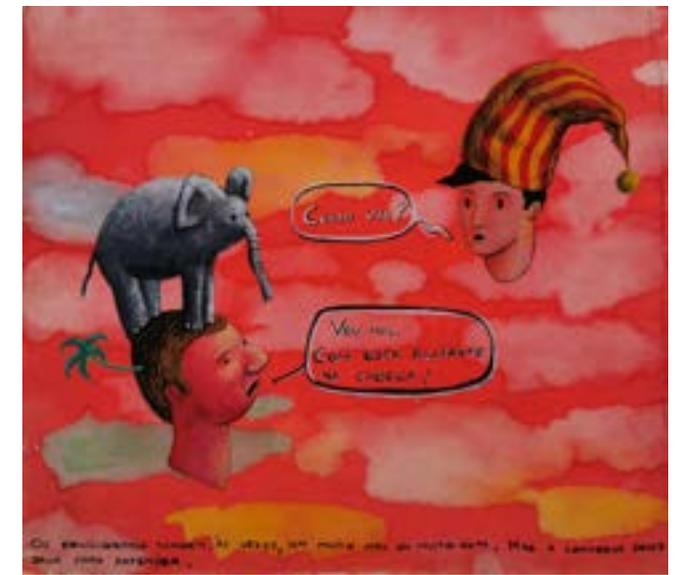
"Estudos em A Doutrina Secreta", Salomon Lancri,
Editora Teosófica, Brasília, DF, 1994



"Sabedoria Antiga e Visão Moderna", Shirley Nicholson,
Editora Teosófica, Brasília, DF, 1995



Estudos para "O Equilibrista", Fernanda Lopes de Almeida.
Ed. Ática, SP, 1980



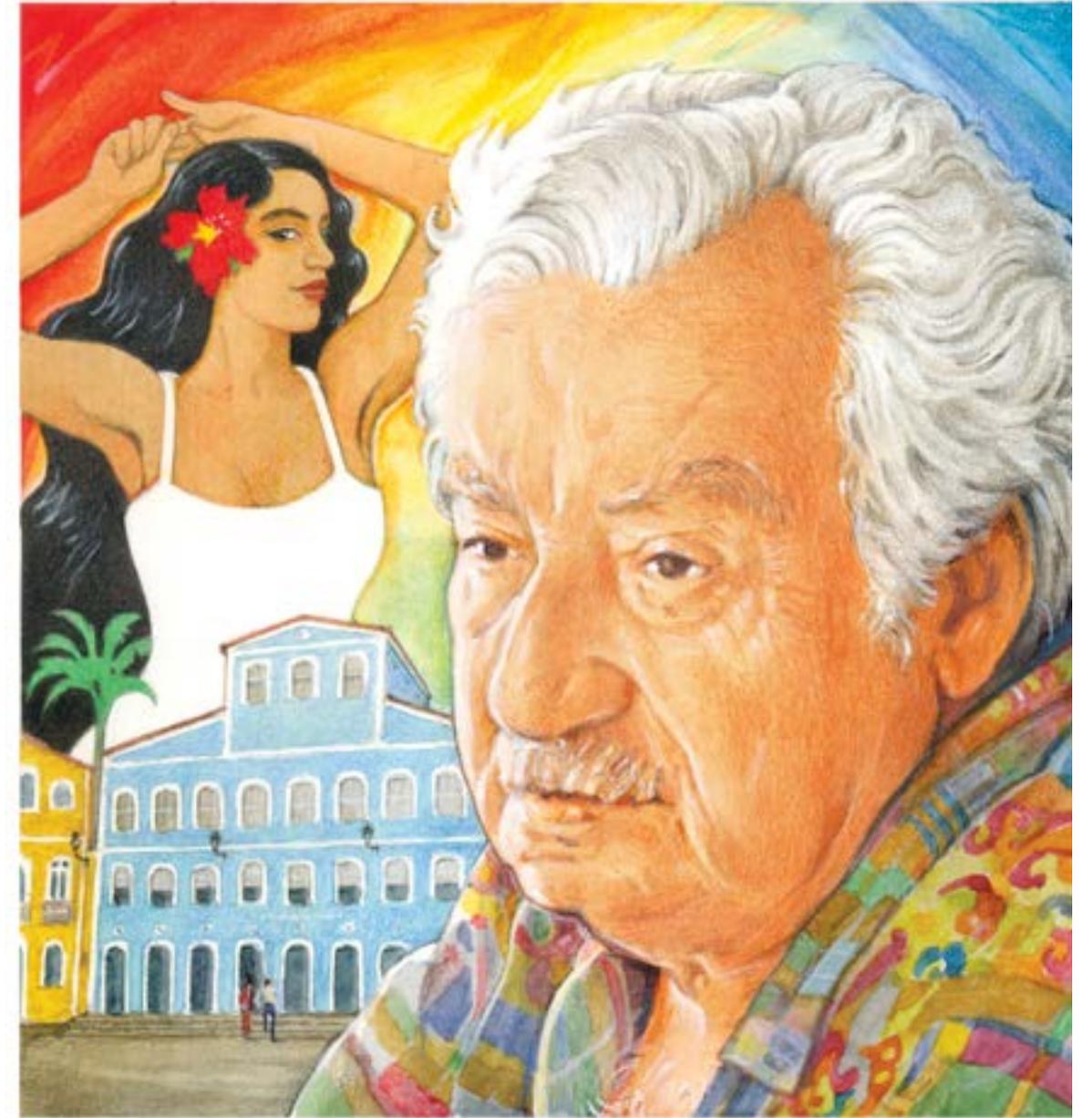


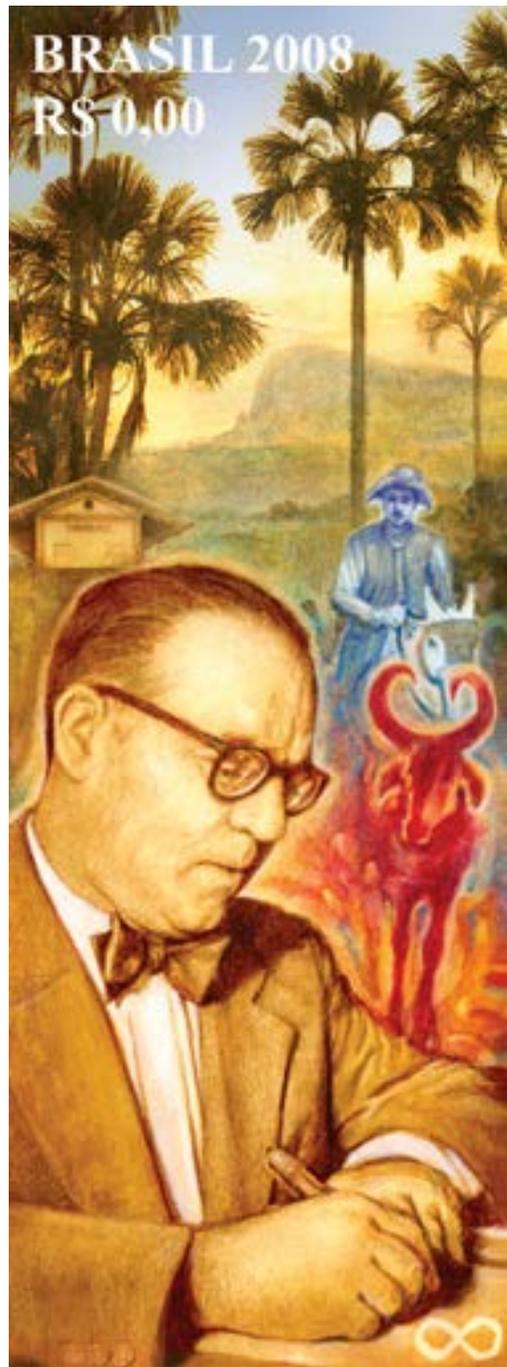
SELOS E LOTERIA

Desenhar selos postais é uma honra. O selo é um tipo de monumento, feito para homenagear alguma personalidade ou instituição, relembrar uma data importante, algum aspecto da cultura ou da natureza do país. Vejo nesse caráter oficial da imagem filatélica uma exigência de objetividade, pois aquele pequeno objeto deve durar, tentando não estar sujeito às variações de interpretação decorrentes do passar do tempo. É o contrário da ilustração jornalística, onde a interpretação do fato pode ser mais importante do que o fato em si. Esse é o desafio, acrescido das diminutas dimensões da obra impressa. Detalhamento e clareza são as exigências da arte filatélica.

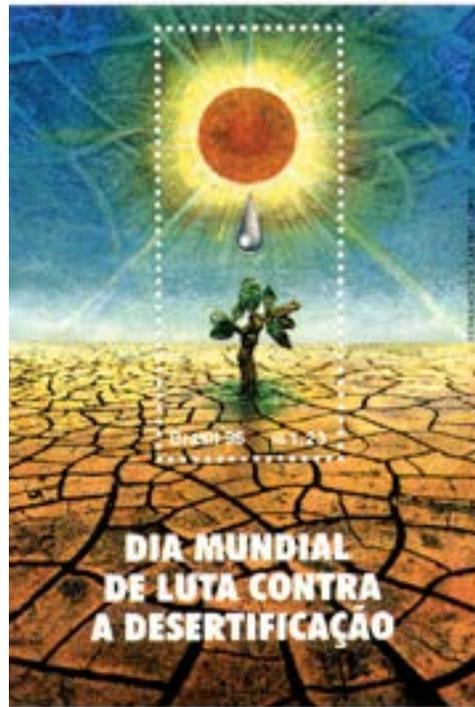
Já os bilhetes de loteria têm outra função, mais simples, talvez. Junto ao tema escolhido, beleza e otimismo devem atrair o comprador.

FERNANDO LOPES





Homenagem a Ayrton Senna, 1994.



Originais para bilhetes de loteria da Caixa Econômica Federal, 1993.

**ABERTURA DA
EXPOSIÇÃO
(REGISTROS)**



142



143



144

Formação

2013- Conclusão da Licenciatura em Artes Plásticas, no Instituto de Artes/UnB.

2009- Conclusão do Curso de Artes Plásticas - Bacharelado, no Instituto de Artes/UnB.

1977; 1 semestre- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Belas Artes.

1976; 2 semestres- Centro Unificado Profissional, Rio de Janeiro, Curso de Comunicação.

1975; 2 semestres- Universidad Nacional de Costa Rica, San José, Escola de Belas Artes.

1974; 2 semestres- Universidad Católica de Chile, Stgo, Escola de Artes da Comunicação.

De 1976 a 1979- Cursos livres de desenho, gravura em metal, litografia e xilogravura na Escola de Artes Visuais, Parque Lage, RJ.

Experiência Profissional

2016/2018- Professor, concursado, na disciplina de Artes, Colégio Militar de Brasília.

1997/2016- Ilustrador, Correio Braziliense.

1993/97- Desenhista do Laboratório de Anatomia Humana, Hospital Sarah Kubitschek.

1989/92- Ilustrador, Jornal de Brasília.

1988/90- Ilustrador, Departamento de Editoração, CNPq, Revista Brasileira de Tecnologia.

1986- Ilustrador, Correio Braziliense.

1983/88- Desenhista do Laboratório de Anatomia Humana e no Departamento de Comunicação Visual, Hospital Sarah Kubitschek.

2005/08- Ilustrações para cartazes, livros e revistas do Centro de Estudos Judiciários do Conselho da Justiça Federal.

Ilustrador free-lancer em jornais e revistas desde 1975, em San José, Costa Rica, e posteriormente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em Brasília, desde 1982.

Livros ilustrados

2019- O Pequeno Catador de Estrelas, Madalena Rodrigues, Editora Franco, MG.

2008- Amantíssima, Conceição Freitas, Ed. LGE, Brasília.

2008- Solidariedade, Márcia de Castro Lopes, Ed. LGE, Brasília.

2005- Deuses e Heróis, Dad Esquarisi, Ed. LGE, Brasília.

2000- E também conto o que me contaram, Maria Ligia Garcia. Edição do autor, Brasília.

1999- Como Nasceram as Estrelas, Clarice Lispector. Ed. Rocco, RJ.

1998- O Gato de Botas, Perrault. Tradução de Fernanda Lopes de Almeida. Ed. Ática, SP.

1993- Livro incendiário, Kleber Lima. Da Anta Casa Editora, Brasília.

1992- Galileu Leu, (infanto-juvenil), Lia Zatz. Ed. LÊ, BH.

1991- O Segredo da Segunda Lua, (infanto juvenil). Aluizio Lodi, Ed. LÊ. BH.

1981- Os Meninos da Nave Faz-de-Conta, Mary Weiss. Ed. Moderna, SP.

1981- O Feijão e o Sonho, Origenes Lessa. Ed. Ática, SP.

1981- O Equilibrista, (infanto-juvenil). Fernanda Lopes de Almeida. Ed. Ática, SP.

1979- O Jogo Inocente (poesia), Waldemar Lopes. Ed. Cadernos da Serra, Teresópolis, RJ.

Capas de livros

1991 / 2018

Editora da Universidade de Brasília., UNB.

Editora Teosófica, Brasília.

Editora L.G.E., Brasília.

Editora Caligráfica, Brasília.

Editora Rocco, Rio de Janeiro.

Exposições

2008- Individual, no restaurante Flor de Lótus, Brasília, DF.

2007- Individual "Passagens", no restaurante Crepe au Chocolat, Brasília, DF.

1992- Individual, Centro Cultural Candido Mendes, RJ.

1997- Panorama das Artes Visuais no DF, Centro Cultural Renato Russo.

1987- Salão de Artes Plásticas do DF, Brasília.

Individual "Ilustração", Teatro Nacional, Brasília.

1982- Coletiva "4 Artistas de Brasília", Vitória, ES.

1981- Individual na Galeria Macunaíma, Funarte, RJ.

1980 - Individual no Teatro Lira Paulistana, SP.

1978- Mostra da Oficina de Litografia, Parque Lage, RJ.

1972- Individual no Instituto Cultural de Las Condes. Santiago, Chile.

Concursos e premiações

2014- Premiação, categoria Ilustração, no XXII Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre.

2012- Premiação, categoria Ilustração, 34º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

2012- Menção honrosa, categoria Ilustração, no XX Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre.

2011- Menção honrosa, categoria Ilustração, no XIX Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre.

2011- Premiação, categoria Ilustração, 33º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

2008- Premiação, categoria Ilustração, 30º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

Premiação, categoria Ilustração, I Festival Internacional de Humor do Rio de Janeiro.

2007- Premiação, categoria Ilustração, 29º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

2006- Premiação, categoria Ilustração, no XIV Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre.

2003- Menção honrosa, ONU, Ranan Lurie Political Cartoon Award.

2003- Menção honrosa, categoria Arte, XXV Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog.

2003- Menção honrosa, categoria Ilustração, no XI Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre.

2002- Finalista do IX Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, na categoria Cartum

2001- The Society for News Design, USA. Award of excellence, na categoria Front page design, pela capa do jornal Correio Braziliense do dia 25/11/2000.

2001- Prêmio Correio Braziliense de Jornalismo 2000, "Melhor Trabalho de Artes Gráficas", pela ilustração da capa do dia 25/11/2000.

2000- Selecionado no VII Salão Internacional de Desenho

145

para Imprensa, Porto Alegre.

1999- Empresa de Correios e Telégrafos - ECT, "Melhor emissão do ano", Série em homenagem a Ayrton Senna.

1994- Selecionado entre os 3 finalistas do Prêmio Fundação OK, "Livro Incendiário", de Kleber Lima, categoria Poesia (ilustrações), Brasília, DF.

1993- Concurso Nacional de Cartazes "As Drogas e o nosso Futuro", PNUCID/ONU, 2º lugar.

1992- Classificação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. "Altamente recomendável", livro "Galileu Leu", Ed. Lê, BH.

Feira de Bolonha, seleção "Wite Ravens", para a Biblioteca Internacional da Juventude, Munich.

Livro "Galileu Leu".

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Oto Reifschneider

Produção Executiva

Oto Reifschneider

Assistente de Produção

Juliana Muro
Rafael Viana
Roberta Arcoverde

Projeto Expográfico

Oto Reifschneider

Montagem

C2 Arte E Montagem

Programação Visual

62 pontos

Molduras

Vidraçaria Real

Iluminação

Caco Tomazzoli

Assessoria de Imprensa

Pedro Brandt

CATÁLOGO

Organização

Oto Reifschneider

Texto

Chico Amaral
Fernando Lopes
Gustavo Torres Falleiros
Oto Reifschneider

Revisão

Pedro Brandt

Projeto Gráfico

Luis Matuto
Stephanie Arcas

Imagens

Oto Reifschneider

Fotografia Abertura

Zuleika de Souza

Impressão

Athalaia Gráfica

16 de outubro a 15 de dezembro de 2019

Terça a domingo, das 9h às 21h

Entrada franca

CAIXA Cultural Brasília

Galerias Piccola I e II

SBS Quadra 4 Lotes 3/4

CEP 70092-900 . Brasília/DF

Tel. (61) 3206-9448 (61) 3206 9449

Acesse:

www.caixacultural.gov.br

Siga:

@caixaculturalbrasil no Instagram

Curta

facebook.com/CaixaCulturalBrasilia

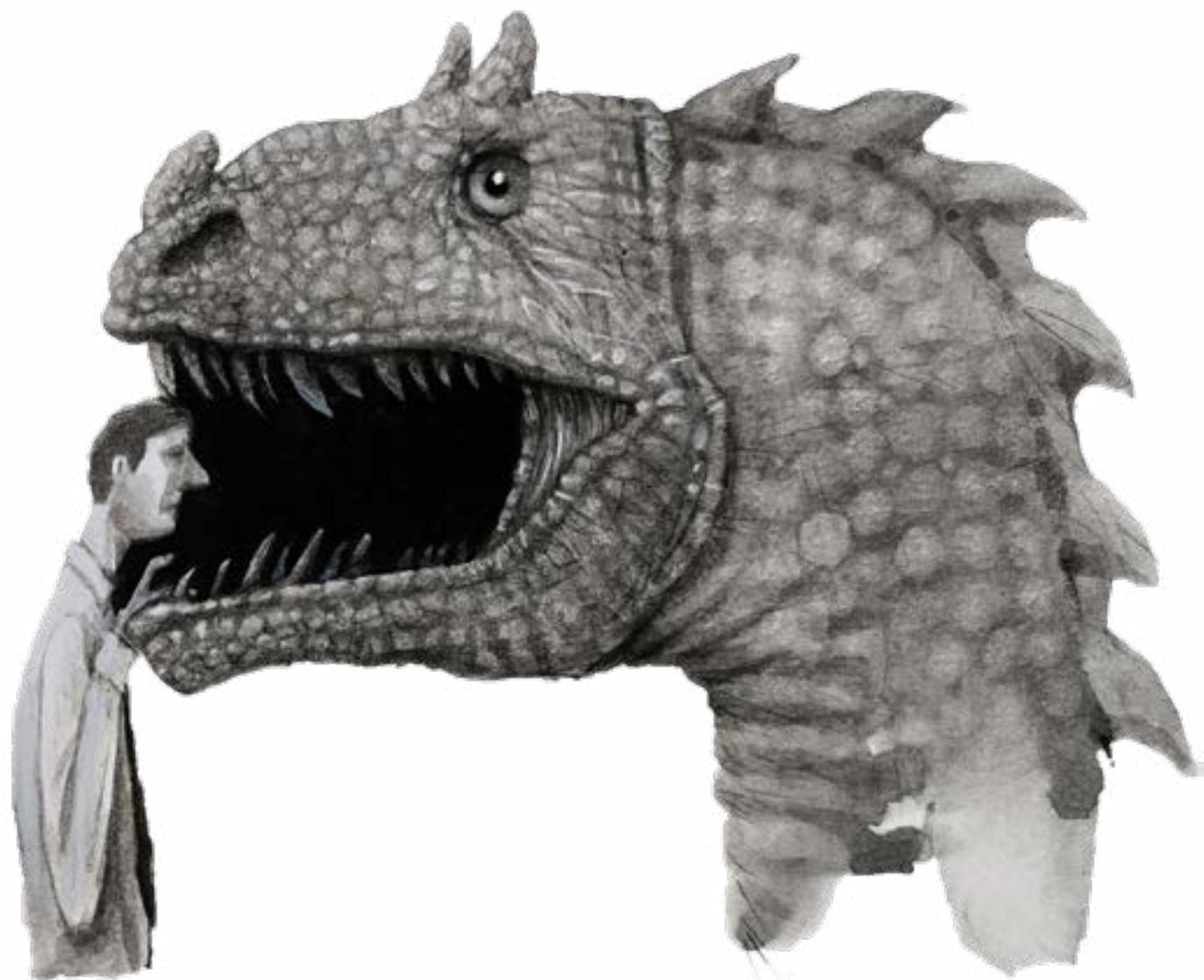


Produção:



Patrocínio:





DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDA.

Produção:



oto reifschneider
galeria de arte

Patrocínio:

CAIXA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL